

**UNIVERSIDADE LUSÓFONA DA GUINÉ
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS
CIÊNCIAS DO MAR E DO AMBIENTE
ESPECIALIDADE: OCEANOGRAFIA E RECURSOS MARINHOS**

ABUDU BACAR MANÉ

**HISTÓRIA, CARACTERIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA DA PESCA BALANTA
MASCULINA NAS TABANCAS DE MALAFO E JABADA PORTO, REGIÕES DE
OIO E QUINARA, GUINÉ-BISSAU**

**BISSAU
2023**

ABUDU BACAR MANÉ

**HISTÓRIA, CARACTERIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA DA PESCA BALANTA
MASCULINA NAS TABANCAS DE MALAFU E JABADA PORTO, REGIÕES DE
OIO E QUINARA, GUINÉ-BISSAU**

Monografia apresentada à Universidade Lusófona
da Guiné como requisito para obtenção do grau de
Licenciatura em Ciências do Mar e do Ambiente
na Especialidade de Oceanografia e Recursos
Marinhos

Orientador: Doutorando Pieter-Jan Keleman

**BISSAU
2023**

ABUDU BACAR MANÉ

**HISTÓRIA, CARACTERIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA DA PESCA BALANTA
MASCULINA NAS TABANCAS DE MALAFU E JABADA PORTO, REGIÕES DE
OIO E QUINARA, GUINÉ-BISSAU**

Monografia apresentada à Universidade Lusófona
da Guiné como requisito para obtenção do grau de
Licenciatura em Ciências do Mar e do Ambiente
na Especialidade de Oceanografia e Recursos
Marinhos

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Chefe da Banca

Membro da Banca

Orientador: Doutorando Pieter-Jan Keleman

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha querida família, em especial ao meu falecido pai Bacar Mané e a todos que de uma forma direta ou indireta contribuíram para o meu progresso ao longo deste percurso.

A todos vós a minha eterna gratidão!

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus, por ter me concedido a vida e me permitir fazer a Universidade, além de me dar saúde e forças para superar todas as dificuldades.

A minha família, Bacar Mané, Tenén Sissé e a minha querida tia Tchanha Mané, e todos os meus irmãos que acreditaram em mim e sempre fizeram de tudo, para sempre me dar o melhor e me apoiar nesta difícil jornada.

Agradeço ao meu orientador, Pieter-Jan Keleman que de forma incondicional amigável, profissional e incansável me orientou para planar este trabalho.

Ao projeto Malmon - '*Mangroves, mangrove rice and mangrove people: sustainably improving rice production, ecosystems and livelihoods*', financiado pela União Europeia (*Grant Contract FOOD/2019/412-700*) pela sua coordenação, doutorandos, agricultores e todos os colaboradores e parceiros, meus agradecimentos por financiamento e assistência técnica prestada através da bolsa de conclusão de curso concedida, e eterno gratidão por oportunidade, acolhimento e ensinamentos.

A todos os colegas da equipa de estudantes da ULG: Dulia Inácio Té, Lizette Oliveira, Nélío Buota, Fidalgo Damerim, Eduíno Dodi Mendes da qual faço parte muito obrigado. Ao Mestrando Emmanuel Jesus Céspedes pelas aulas de Estatística Aplicada que nos deu durante os seus tempos livres e pela elaboração dos mapas.

Agradeço aos colegas do Curso pela partilha, amizade e colaboração: Aidmar Mário Mendes, Celestina António vieira, Daniel Na Mone e o meu amigo Samuel Fote Siga Tchern Baldé, Júlio sabino e, a minha querida Mana Andreia Cá. Agradeço a Universidade Lusófona, seu corpo docente que me acompanhou desde o primeiro tempo até minha formação, direção e administração.

Agradeço ao agricultor-pesquisador do projeto Malmon Pedro Na Onsa e a sua mulher Nsaíé por carinho durante a minha estadia no Malafo e meus meninos de Jabada Porto que sempre acompanharam comigo durante o trabalho.

Por último agradeço todos os que me apoiaram durante a minha formação de forma direta e indireta.

Muito obrigado a todos!

RESUMO

Entre os Balantas, a pesca masculina não era tradicional e a aprendizagem das técnicas de pesca com canoas e redes está associada à sua migração e à convivência com pescadores das outras etnias. Nas últimas décadas, a importância económica da pesca de mangal aumentou com a procura por mercados urbanos nacionais e externos. No entanto, tanto o papel económico da pesca quanto as espécies capturadas para venda variam muito entre as aldeias. Este estudo se concentra em duas aldeias nas regiões de Oio e Quinara para estudar as histórias de aprendizagem de técnicas e as mudanças nos papéis relativos da agricultura e da pesca nos modos de vida. A aprendizagem foi feita com Papeis e as espécies de peixes-alvo diferem: em Jabada Porto “Bagre” (*Carlarius sp.*) e “Pis Caudo” são as principais espécies e o pescado destina-se à venda; a aldeia de Malafo tem características ecológicas diferentes (sendo bolanhas salgadas e bolanhas doces) e a pesca orienta-se para “Pis Sapato” (*Clarias gariepinus*) pelos homens e “Bentana” (*Coptodon guineensis* e *Sarotherodon melanotheron*) pelas mulheres destinadas principalmente ao consumo familiar. A pesca em Malafo continua sendo muito limitada, com três pescadores utilizando redes de emalhar e talha rio. Sobretudo as lanças tradicionais (“*canhacus*” no crioulo), são os principais equipamentos de pesca usados pelos homens para pescar “*pis sapato*” nas bolanhas de água doce e são fumados pelas mulheres antes do tempo das chuvas. Pelo contrário, em Jabada Porto a fumagem de bagres é uma importante atividade económica para fornecer os consumidores de Bissau e os mercados semanais de Quinara. Em Malafo, o assoreamento do rio, combinado com o roubo de canoas, a orientação para a produção de caju e a frequência escolar são considerados os principais fatores da falta de interesse masculino pela pesca comercial. Em Jabada Porto, as pessoas reclamam do aumento de canoas de motor e da pesca predatória por estrangeiros (sobretudo as frotas industriais no oceano) como fatores que têm contribuído para uma diminuição do seu rendimento. Este estudo conclui que, mesmo em aldeias intimamente relacionadas, as práticas de pesca Balanta masculina são diferentes e definidas pela paisagem social em que se situam.

Palavras-chave: Pesca de Mangal; Comunidades Costeiras; Balantas Meios de subsistência; História ambiental; Conhecimento ecológico local.

ABSTRACT

Among the Balantas, male fishing was not traditional and learning fishing techniques with canoes and nets is associated with their migration and coexistence with fishermen from other ethnicities. In recent decades, the economic importance of fishing has increased with demand for national and external urban markets. However, both the economic role of fishing and the species caught for sale vary greatly between villages. In this work, we will focus on two villages in the regions of Oio and Quinara to study the histories of learning fishing techniques and the changes in the relative roles of agriculture and fishing in ways of life. This learning process was done with Papeis and the target species differ: in Jabada Porto “Bagre” (*Carlarius sp.*) and sharks are the main targeted fish and are intended for sale; the village of Malafo has different ecological characteristics (both salt and freshwater rice fields) and fishing is mainly focused on “Pis Sapato” (*Clarias gariepinus*) by males and “Bentana” (*Coptodon guineensis* and *Sarotherodon melanotheron*) by females intended for home consumption. Male commercial fishing in Malafo remains very limited, with only three fishermen using gillnets and fish fences. Above all, traditional spears (“canhacus” in Creole) are the main fishing equipment used by males to fish for “pis sapato” in freshwater lagoons and they are being smoked by women before the rainy season. On the contrary, in Jabada Porto, catfish fishing and smoking is an important economic activity to supply consumers in Bissau and the weekly markets in Quinara. In Malafo, the silting of the river, combined with the theft of canoes, orientation towards cashew production and school attendance are considered the main factors behind the lack of male interest in commercial fishing. In Jabada Porto, people complain about the increase in motor canoes and predatory fishing by foreigner industrial fleets as factors that have contributed to a decrease in their income. This study concludes that, even in closely related villages, Balanta male fishing practices are different and defined by the social landscape in which they are located.

KEYWORDS: Mangrove Fishing; Coastal Communities; Balantas Livelihoods; Environmental history; Local ecological knowledge.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.2. Justificativa	13
1.3. Objetivos	14
1.3.1. OBJETIVO GERAL	14
1.3.2. OBJETIVO ESPECÍFICOS.....	14
1.4. Problemática	15
1.5. Hipóteses	16
2. METODOLOGIA	17
2.1 ÁREA DE ESTUDO	17
2.2 MÉTODO MISTO	18
2.3 Os INQUIRIDOS	19
2.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	20
2.5 ANÁLISE DE DADOS	20
3. REVISÃO DA LITERATURA	21
3.2. BREVE HISTÓRIA DA PESCA ARTESANAL NA GUINÉ-BISSAU	22
3.3. EMBARCAÇÕES E APARELHOS DE PESCA	23
3.4. TRATAMENTO DOS PESCADOS	24
3.5. SUBSECTOR DA PESCA ARTESANAL	25
3.6. SUBSECTOR DA PESCA INDUSTRIAL	25
4. RESULTADOS	29
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS MEIOS DE SUBSISTÊNCIA DAS ALDEIAS	29
4.1.2 ATIVIDADES PRODUTIVAS POR ALDEIA	31
4.1.3 RENDIMENTO	33
4.2 PRÁTICAS DE PESCA	35
4.2.2 A PESCA DOS HOMENS	38
4.3 IMPORTÂNCIA DO PEIXE NA ALIMENTAÇÃO	44
4.4. A PESCA DE PIS SAPATO (<i>CLARIAS GARIEPINUS</i>) EM MALAFO	46
4.5 MUDANÇAS NA BIODIVERSIDADE	47
5. DISCUSSÃO	48

5.1 HISTÓRIA	48
5.2 A PESCA ATUAL	49
5.3 DINÂMICAS DE GÊNERO	51
5.4 IMPORTÂNCIA NA ALIMENTAÇÃO	51
5.5 PEIXE EM DIMINUIÇÃO	52
6. CONCLUSÃO	53
7. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
8. ANEXOS	56
8.1 QUESTIONÁRIOS	56
8.2 FOTOGRAFIAS DO TRABALHO NO TERRENO	60
8.2.1. MALAFO	60
8.2.2. JABADA PORTO.....	61

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: MAPA DA GUINÉ-BISSAU COM OS DOIS ESTUDOS DE CASO (MALAFO E JABADA PORTO) INDICADOS NAS RESPECTIVAS REGIÕES DE OIO E QUINARA	17
FIGURA 2: IDADE DE INÍCIO DA PESCA DAS MULHERES POR ALDEIA.	35
FIGURA 3: DESTINO DO PEIXE FUMADO	37
FIGURA 4: IDADE DOS PESCADORES INQUIRIDOS	38
FIGURA 5: ETNIA DOS PESCADORES INQUIRIDOS	38
FIGURA 6: ORIGEM DE CANOAS.	39
FIGURA 7: CAPITAL PARA COMPRAR MATERIAL DE PESCA	42
FIGURA 8: ESPÉCIES ALVO	43
FIGURA 9: RENDIMENTO (BOM/MAU) NUMA SEMANA POR ALDEIA	43
FIGURA 10: CATEGORIAS DE ALIMENTAÇÃO E ESPÉCIES DE PEIXE NA ALIMENTAÇÃO EM MALAFO.	44
FIGURA 11: CATEGORIAS DE ALIMENTAÇÃO E ESPÉCIES DE PEIXE NA ALIMENTAÇÃO EM JABADA PORTO.	45
FIGURA 12: MAPA DA PARTICIPAÇÃO NA PESCA EM MALAFO	46
FIGURA 13: PEIXES PREDOMINANTES POR ALDEIA	47

LISTAS DE TABELAS

TABELA 1: POSSIBILIDADE DE PESCA ATRIBUÍDA ÀS FROTAS DA CNFC	27
TABELA 2: POSSIBILIDADE DE PESCA ATRIBUÍDA AS FROTAS DE SENEGAL	28
TABELA 3: BEM-ESTAR POR ALDEIA	29
TABELA 4: ATIVIDADES PRODUTIVAS DOS FOGÕES NAS ALDEIAS	31
TABELA 5: RENDIMENTO POR ALDEIA	33
TABELA 6: PRÁTICAS DE PESCA, DESTINO E ESPÉCIES-ALVO DAS MULHERES POR ALDEIA.	36
TABELA 7: TIPOS DE REDES DE PESCA POR ALDEIA	39
TABELA 8: NÚMERO DAS REDES POR ALDEIA	40
TABELA 9: PREÇO DAS REDES POR ALDEIA	41

1. INTRODUÇÃO

A pesca artesanal na Guiné-Bissau permanece insuficientemente estudada, resultando em um conhecimento limitado dos recursos pesqueiros, bem como da dinâmica socioeconômica das comunidades piscatórias nas áreas costeiras do país (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, 2009). A pesca artesanal nos mangais tem um papel significativo nas comunidades costeiras da Guiné-Bissau. Esta atividade é vital para o sustento e a segurança alimentar e nutricional das populações locais, fornecendo uma fonte de rendimento e subsistência para muitos agregados familiares (CASSAMÁ, 2017).

O ecossistema único dos mangais na região suporta uma variedade diversificada de espécies de peixe, comunidades e culturas, tornando-o um importante local de pesca. No entanto, este tipo de pesca enfrenta grandes desafios, incluindo recursos e infraestruturas limitados, falta de gestão adequada e o impacto de fatores externos, como as alterações climáticas e a crescente procura de certas espécies nos mercados nacionais ou internacionais (INTCHAMA, 2010). Apesar destes desafios, o conhecimento local, a experiência das comunidades locais e práticas de pesca continuam a ser ativos valiosos para a conservação e a viabilidade a longo prazo da pesca artesanal. Esforços para apoiar e capacitar estas comunidades, através de estratégias de gestão eficazes e práticas sustentáveis, são essenciais para garantir o bem-estar contínuo dos ecossistemas e das pessoas que dependem desta atividade.

O sector da pesca artesanal foi historicamente escasso em comparação com os países vizinhos e apenas para consumo familiar, sendo uma atividade secundária à agricultura. No entanto, hoje em dia, a pesca de mangal é altamente diversificada e espalhada geograficamente pelos diferentes estuários em vários pontos do país, tendo culturas específicas adotado a pesca como atividade económica primária. Os Balantas constituem o principal grupo étnico na região de Oio no norte de Guiné-Bissau, de onde são originários, e posteriormente migraram para outras regiões no Sul como Quinara e Tombali.

Os homens Balantas são vistos como os emblemáticos produtores de arroz de mangal do país. No entanto, as alterações climáticas e a baixa produtividade do arroz levaram à sua mudança para a pesca, em congruência com o aumento do contacto com outros grupos étnicos após migração. Embora a pesca em pequena escala tenha adquirido importância económica, as comunidades costeiras adotaram diferentes estratégias para lidar com as rápidas mudanças socio ecológicas ao nível das aldeias que continuam hoje a ter impacto nas práticas locais de pesca.

1.2. Justificativa

Entre os Balantas da Guiné-Bissau, a pesca feminina tem uma importância vital na segurança alimentar e nutricional das populações. Pelo contrário, a pesca masculina não era tradicional e a aprendizagem das técnicas de pesca com canoas e redes está associada à coabitação com pescadores de outras etnias. As mulheres Balantas demonstram habilidades especializadas em pescar dentro dos campos de arroz e nos mangais e cursos de água pouco profundos, o que lhes permite contribuir significativamente para o fornecimento de alimentos e nutrientes essenciais para suas comunidades.

A fumagem e venda do excedente é ainda uma fonte importante de rendimento das mulheres. Enquanto isso, os homens tendem a se concentrar em outras atividades económicas, como a produção de arroz nas bolanhas salgadas, a criação de gado e a produção de caju. Essa divisão de papéis de género na pesca reflete uma dinâmica cultural e histórica particular entre os Balantas. A pesca masculina diferenciada entre tabancas suscitou o interesse da pesquisa para esta monografia como forma de contribuir para o conhecimento do setor pesqueiro e apoiar o desenvolvimento de políticas e intervenções sustentáveis na Guiné-Bissau.

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo geral

Estudar a introdução da atividade de pesca masculina e a sua importância na alimentação e na economia de duas tabancas Balanta nas regiões de Oio e Quinara na Guiné-Bissau.

1.3.2. Objetivo específicos

Os objetivos específicos (os quais se acreditam concretizar o objetivo geral) deste estudo são:

- Explicar o contexto histórico em torno da pesca dos homens Balanta;
- Avaliar os impactos da pesca masculina na economia e alimentação e comparar a captura de espécies de peixes-alvo nas tabancas em estudo;
- Definir ameaças e desafios para o setor pesqueiro artesanal nas regiões de Oio e Quinara.

1.4. Problemática

Para fornecer uma imagem mais detalhada da importância da pesca de mangal em pequena escala e informar a gestão, são necessários estudos mais aprofundados que analisem o contexto histórico das comunidades ao nível da aldeia e possam ligá-lo às práticas contemporâneas. Embora os homens Balantas não fossem tradicionalmente pescadores, muitos deles estão hoje altamente integrados na pesca de pequena escala, com certas aldeias altamente especializadas em certas espécies-alvo de peixe.

Esta integração dos homens Balanta na pesca pode ter efeitos positivos no bem-estar da comunidade relacionados com a economia e segurança alimentar. Apesar desta necessidade, há pouca investigação focada especificamente na pesca dos homens Balanta no país, o que representa uma grande lacuna de conhecimento na literatura. Para evitar a generalização na caracterização da pesca, este estudo centrar-se-á em dois estudos de caso específicos nas regiões de Oio e Quinara para mapear a diversidade de práticas de pesca masculina entre Balantas e o contexto histórico que as rodeia.

As principais questões que orientam esta pesquisa são:

1. Quando e como se deu a aprendizagem da pesca pelos homens Balanta em cada uma das aldeias estudadas e quais os motivos que a determinaram?
2. As técnicas de pesca e as espécies-alvo pescadas variam de aldeia para aldeia?
3. Que consequências na economia, dieta alimentar e bem-estar das famílias teve a adoção da pesca masculina?

1.5.Hipóteses

- A aprendizagem de técnicas de pesca pelos homens Balantas nas tabancas em estudo deu-se em diferentes momentos e foi desencadeada por diferentes fatores;
- A pesca masculina é uma atividade económica complementar da agricultura e é realizada sobretudo na estação seca;
- A pesca industrial tem vindo a diminuir o volume de pescado dos pescadores artesanais reduzindo o seu rendimento económico.

2. METODOLOGIA

2.1 Área de estudo

Este trabalho incide na região norte de Oio especificamente na tabanca de Malafo, e na região de Quinara no Sul especificamente em Jabada Porto. Os grupos domésticos das comunidades visitados, além da pesca, desenvolvem outras atividades ao longo do ano: agricultura, criação de animais de pequeno e grande porte, produção de caju e prestação de serviços temporários. A economia familiar é, portanto, baseada na combinação de diversas atividades produtivas.

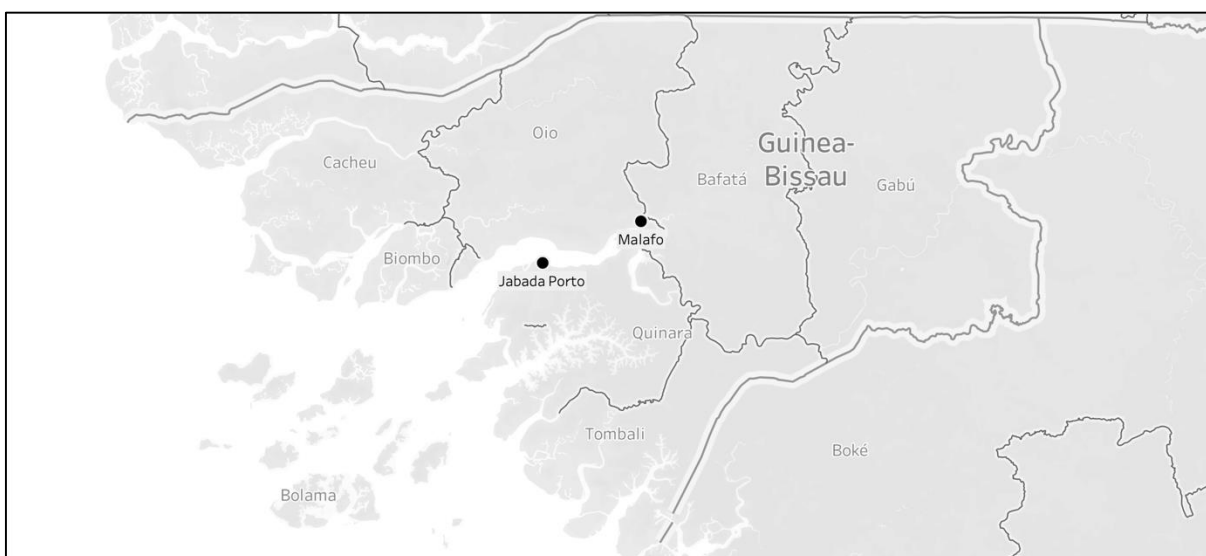


Figura 1: Mapa da Guiné-Bissau com os dois estudos de caso (Malafo e Jabada Porto) indicados nas respectivas regiões de Oio e Quinara

2.1.1 Malafo

Malafo (12.028742, -15.047579) é uma aldeia situada na região de Oio, no sector de Mansoa e secção de Gã Mamudo. Ao norte, a aldeia está separada pela estrada que liga Jugudul a Bantandjam, ao sudeste faz fronteira com as tabancas de Enxalé e Kabuca, ao sudoeste faz fronteiras com as tabancas de Gã Mamudo e Bissunha, e ao sul está limitado pelo rio Geba, próximo do delta desse rio, ondem desaguam as águas de rio Corrubal. Os balantas de Malafo são de origem de Nhacra, mas um dos bairros tem habitantes *Brassa Kuntoi* (originários da zona de Encheia).

2.1.2 Jabada Porto

Jabada Porto (11.884994, -15.345338) é uma aldeia situada na região de Quinara, no sector de Tite. Com uma população estimada em 18.594 habitantes e uma densidade de 19 habitantes por km², este sector é juntamente com o de Empada dos mais populosos da região administrativa de Quinara (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, 2009). Situa-se a 74 km nordeste da cidade de Buba e é habitado maioritariamente pelos Balantas. Este facto justifica-se por causa da sua situação geográfica na margem dos Rio Grande de Buba e das rias de Geba, que lhe dão uma grande potencialidade de produção de arroz nas ricas bolanhas de mangal. É também o sector da região mais próximo de Bissau por via marítima, ligação feita diariamente por pequenas canoas que percorrem a distância em apenas 45 minutos (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, 2009).

2.2 Método misto

2.2.1. Dados quantitativos

Os dados quantitativos foram recolhidos através de dois tipos de inquéritos: inquéritos aos agregados familiares para poder caracterizar as diferentes atividades de subsistência e um questionário de pesca separado dirigido especificamente às práticas de pesca das mulheres.

Para a caracterização geral dos homens e das suas práticas pesqueiras, os questionários foram feitos individuais. Com a técnica de pesquisa “*snowball*” (Inglês) ou “bola-de-neve” para amostragem dos participantes (BALDIN, 2011). Isso é uma técnica em que as pessoas foram consultadas verbalmente para perguntar se poderiam identificar outros homens que estivessem envolvidos na pesca de mangal com redes. Ao repetir isto várias vezes, consegue consultar pescadores de uma forma mais direcionada para participarem neste trabalho. Em Jabada porto, a caraterização dos meios de subsistência foi feita nas casas dos pescadores.

1. Caracterização dos meios de subsistência dos agregados familiares (n=47):
 - Malafo (n=27);
 - Jabada Porto (n=20)
2. Práticas de pesca (n=63):
 - Práticas da pesca das mulheres (n=40):
 - Malafo (n=28);
 - Jabada Porto (n=12)
 - Práticas da pesca dos homens (n=23):
 - Malafo (n=3);
 - Jabada Porto (n=20)

2.2.2 Dados qualitativos

Para fornecer uma imagem detalhada dos dados quantitativos, também a coleta dados qualitativos com base em observação participante, conversas informais e entrevistas com informantes-chave. Isto deu-me uma ideia melhor da história das práticas de pesca em ambas as aldeias e das razões pelas quais as práticas de pesca actuais estão a ocorrer. Estas entrevistas foram realizadas com ajuda dos três jovens investigadores-agricultores do projeto Malmon em Malafo e três informantes-chave em Jabada Porto (2 papeis e uma balanta). Também com minha participação duas vezes em atividades de pesca na aldeia Malafo.

2.3 Os Inquiridos

As pessoas inquiridas durante o estudo são os pescadores das comunidades de Malafo e Jabada porto, idade mínima é 22 anos e máxima de 70 anos, sendo a média entre essas idades é de 39. No período da pesquisa o número total da população dos pescadores pertencentes às comunidades-alvo desta investigação, era da ordem de 63 indivíduos entrevistados: 31 no Malafo (3 homens e 28 mulheres) e 32 em Jabada Porto (20 homens e 12 mulheres).

Os questionários foram distribuídos de acordo com o calendário do orientador e o estudante nas duas localidades visitadas. Para obtenção dos dados primários foram realizadas cinco visitas no terreno:

1. No dia 14 a 17 de abril 2023 ficamos durante quatro dias na Cinemateca de Malafo;
2. A segunda viagem foi no dia 28 de abril a 1 de maio em Malafo;
3. A terceira viagem foi para Jabada Porto de 9 a 12 de maio e hospedei-me em casa de um velho, a onde abordamos objetivo de estudo. Depois fomos a casa do comité da tabanca para informá-lo sobre o objetivo de trabalho, a fim de poder dar autorização. Depois de falar com comité os questionários foram aplicados aos pescadores de quele aldeia sobre atividades da pesca;
4. A quarta viagem foi em Malafo trabalhando com as mulheres;
5. A quinta viagem foi em Jabada Porto trabalhando com as mulheres

Durante o trabalho de terreno foi feito com acompanhado por agricultores-pesquisadores do projeto *Malmon* (www.malmon-desira.com) de Malafo. A visita ao campo ajudou para poder ter o conhecimento da área de estudo e conseqüentemente ter uma interação com os pescadores de forma direta nas comunidades, também criamos as condições para obtenção das informações, formulários e fotografias.

Trabalho foram realizados com os pescadores, tanto os homens e como as mulheres, durante a realização da pesquisa, perguntando como eles pescam, onde eles praticam essas atividades e qual é a finalidade do pescado. Também a minha participação nas atividades e observação diretamente as práticas dos pescadores. Os questionários foram aplicados individualmente casa a casa e visitando as diferentes locais de pesca.

2.4 Instrumento de coleta de dados

Os dados da pesquisa são de origem primária e empíricos (baseados no conhecimento dos supervisores durante a pesquisa anterior). Estes dados foram obtidos por meio da aplicação de questionários semiestruturados, observação participativa e discussões informais nas localidades de pesquisa com objetivo de avaliar a importância da pesca masculina na alimentação e na economia nas comunidades de Malafo (bairros Malafo I e Flora) e Jabada Porto (e o bairro Gã Pedro). A pesquisa foi realizada com os pescadores locais perguntado com é pescam e utilizam os pescados a nível local. Durante o trabalho tiramos fotografias para exemplificar os dados coletados.

2.5 Análise de dados

Os dados recolhidos a partir dos questionários foram introduzidos e tratados em Excel, usando a tabela dinâmica para agrupar e separar os dados, tendo em consideração as ferramentas de estatística descritiva, principalmente a utilização de tabelas e gráficos que facilitam a leitura e interpretação de séries de dados. Também foram feitos mapas das diferentes aldeias e a minha participação na pesca em Malafo com o software QGIS.

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1. O povo Balanta

O litoral da Guiné-Bissau é densamente povoado, com cerca de 70% da população e as principais cidades do país aproveitando sua localização costeira (FERNANDES, 2014). Guiné-Bissau tem aproximadamente 1.8 milhão de habitantes, divididos em cerca de 30 etnias, refletindo uma grande diversidade cultural (PIRES, 2021). O país é multilíngue e diversificado, com diversos grupos étnicos, cada um com sua própria língua, cultura e estrutura social (TAVARES, 2023).

O "chão" Balanta em parte compartilhado com outros agrupamentos étnicos, é extenso e projeta-se verticalmente, ao longo de uma faixa central do território, desde a fronteira norte do país com o Senegal, até ao limite das ricas regiões agrícolas do Sul (NOBREGA, 2003). Os Balantas, são os nativos de zona norte do país bem representados nos sectores de Bigene, Bissorã, Nhacra e Mansoa.

A sua migração para sul do país teve início a partir dos finais do século XIX para procura das terras férteis do Sul, tornando-se gradualmente numa maioria étnica em Tite, Catió e Bedanda, com uma predominância de 41,2% de população, seguidos pelos Beafadas que compõem 29,2% dos habitantes em pleno "chão" de Beafadas e Nalús (NOBREGA, 2003).

De acordo com Nobrega (2003), no entanto o grupo étnico dos balantas não é homogéneo e subdivide-se principalmente em Balanta (Brasa), Balanta-mané e Cunantes ou Mansoancás, grupos já "mandinguizados", afastando-se gradualmente da cultura e do sentimento de pertença ao grupo Balanta, para se incluir no Mandinga, reivindicando frequentemente essa pretensa origem.

A agricultura, especialmente o cultivo de arroz, é a principal fonte de subsistência para os Balantas, desempenhando um papel fundamental em sua dieta. Além disso, a criação de gado é uma fonte de riqueza importante e de significado simbólico para o grupo (BLATA, 2019). Os Balantas ocupam principalmente áreas costeiras com terras adequadas para a agricultura. Antes de plantar arroz, realizam rituais e preces para garantir uma boa colheita. Tantos homens quanto mulheres compartilham as tarefas agrícolas, desde o plantio até a colheita. As mulheres também cultivam feijão e amendoim para venda, contribuindo para as necessidades da comunidade (TAVARES, 2023).

3.2. Breve história da pesca artesanal na Guiné-Bissau

A República de Guiné-Bissau tem uma das áreas mais ricas da Costa Ocidental da África, e com uma costa beneficiária do fenômeno de ressurgência, carregando muitos nutrientes para alimentação das espécies pesqueiras (INTCHAMA *et al.* 2010). Esta riqueza deve-se à existência de uma plataforma continental muito larga e pouco profunda, grande diversidade de ecossistemas, costa apresenta muitos estuários, ilhas e rios, presença de mangais que contornam o litoral (SEPEM, 2014). Esses fatores têm grande influência no desenvolvimento da fauna nas águas da plataforma continental de Guiné-Bissau e no aumento da produtividade pesqueira (TE, 2005).

A costa de Guiné-Bissau tem cerca de 280 km de extensão onde desaguardam os rios Corubal, Geba, Cacheu, Cacine, Mansoa e Tombali, bem como muitos canais, alguns destes navegáveis para embarcações (SILVA *et al.*, 1991 *apud* TE, 2005). O Rio Geba é considerado o maior rio de Guiné-Bissau e que se constitui em uma extraordinária via de comunicação com o interior do país. O país possui ainda o Arquipélago de Bijagós, formado por diversas ilhas de origem vulcânica, com alta diversidade de habitats marinhos, os quais reúnem as condições para abrigar uma grande diversidade de crustáceos moluscos e peixes (EDMUNDSON, 2014).

De acordo com Sá (2017, p. 69), já em meados de 1446, período que culmina com a chegada dos portugueses no País iniciando seus primeiros contatos com as aldeias que se situa perto do mar, a pesca era praticada pelas comunidades costeiras. Essas comunidades litorâneas foram constituídas pelas pessoas que vinham de algumas outras zonas do continente africano, em destaque Níger.

O fato podia provar que essas pessoas traziam consigo os instrumentos de pescas. De acordo com (KÉBÉ *et al.* 1993), tais comunidades das regiões costeiras da Guiné-Bissau utilizavam instrumentos tradicionais e técnicas mais básicas como a *gamboa* (barreira construída de varas) e a lança para a prática da pesca. Com o passar do tempo estes instrumentos foram sendo substituídos, dando lugar às pequenas embarcações feitas de troncos de árvores e redes introduzidas progressivamente pelos pescadores estrangeiros e pelos projetos de desenvolvimento do sector. Esta modalidade era uma atividade complementar à agricultura, segundo (FERNANDES, 2014 e Sá, 2017), a pesca era praticada especialmente pelas mulheres nas zonas costeiras onde apanhavam mariscos, moluscos e peixes com a mão principalmente em estuários e rios.

De acordo com Sá (2017), antes da independência, a atividade de pesca na Guiné-Bissau era caracterizada como de subsistência e complementar à agricultura. Foi a primeira forma de

exploração de recursos pesqueiros envolvendo um grande número de pessoas, especialmente as mulheres que comercializavam o excedente de produção (*bideiras*) atuando como intermediárias entre os pescadores e os consumidores locais (SÁ, 2017). A evolução nos últimos 20 anos da pesca artesanal na Guiné-Bissau tem sido lenta em termos de produção, comercialização, sistema de organização.

A pesca artesanal feita pelos homens assim como para as mulheres é a atividade haliêutica de maior dimensão no espaço nacional e visa em particular a captura, transformação e comercialização para a autossustentabilidade e abastecimento do mercado local, nacional e regional, e mesmo internacional (SEPEM, 2014). Ao contrário, pequenas frotas estrangeiras pescando nas águas nacionais apresentam-se dinâmicas e são difíceis de controlar, sendo as suas capturas desembarcadas maioritariamente nos países vizinhos. Assim, uma parte não negligenciável da riqueza haliêutica retirada das águas sob soberania da Guiné-Bissau não é sequer conhecida e é perdida para a economia nacional (SEPEM, 2014).

3.3. Embarcações e aparelhos de pesca

Existem diferentes modelos de embarcações e aparelhos de pesca que são utilizados no país. Quanto às embarcações, vigoram dois tipos identificados como pirogas monóxilas e pirogas senegalesas. A piroga monóxila, segundo (KÉBÉ, 1993), é aquela que é cavada num único tronco, propulsionada geralmente com remo ou vela. Esse tipo de piroga apresenta tamanhos médios de 6 metros de comprimento, 70 centímetro de largura e 45 centímetros de altura. Pode ser construída por próprios donos ou podem comprá-los nas mãos dos carpinteiros locais. As pirogas utilizadas pelos pescadores *nyominkas* na pesca eram fabricadas no Senegal, mais também atualmente é fabricado na Guiné-Bissau. Segundo o mesmo autor, a piroga senegalesa, diferentemente da monóxila, é construída a partir de numerosas peças de madeira. É equipada com motor com potencialidade entre 8 e 40 cavalos e uma arca isotérmica que pode atingir um volume de 2m³.

Em termos da potência dos motores as pirogas de pesca artesanal são limitadas em função do espaço no qual a pesca será exercida. Deste modo, a potência de motores para pesca nas águas territoriais continentais é de 15 cavalos no máximo; para a pesca nas águas interiores marítimas é permitido motores de 40 cavalos no máximo; e o potencial de motores permitidos para pesca no mar territorial é de 60 cavalos no máximo (Artigo 8º do SUPLEMENTO AO BOLETIM OFICIAL DA REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU N.º 23).

Quanto aos aparelhos utilizados na pesca artesanal, KÉBÉ (1993) indica os seguintes instrumentos, juntamente com as espécies que capturam:

- Para captura de tainhas, usam-se as redes de emalhar derivante de superfície; também as mulheres podem apanhá-los com rede redonda nas bolanhas;
- Para captura de bagre, pis caudo, raia usam-se as redes dormentes e armadilhas;
- Para captura de tainhas e tilápias, usa-se talha rio e *rede fertcha*;
- Para captura de bagres e as espécies nobres, usam-se linhas de mão e palangres (“*armadilha*” em Crioulo);
- Os instrumentos tradicionais como a lança de pesca (“*canhacu*” em Crioulo) podem servir para pescar certos peixes.

3.4. Tratamento dos pescados

Normalmente, os pescadores artesanais comerciais preferem conservar os pescados em gelo até os locais de desembarque. Porém, devido a problema de abastecimento em gelo para tais conservações, optam por usar técnicas de transformação. A partir dessas técnicas, segundo (KÉBÉ 1993), é possível encontrar os pescados em quatro estados distintos de transformação, tais como: fumado (*peixe fumado*), fermentado-seco (*escalada*), seco (*casséké*) e salgado-seco (*pis salgados*).

Fumagem basicamente, consiste em dispersar os pescados na parte superior da fumadeira, em baixo da qual se encontra fogueira aquecendo, juntamente com fumaça, os pescados numa temperatura normal.

Para Kébé (1993), os pescados que mais sofrem essa transformação são sável (*Djafal*, *Ethmalosa fimbriata*), o bagre (*Carlarius spp.*) de tamanho pequeno e em menor escala os tubarões (*Pis caúdo*), as tainhas (*Liza sp.*), as tilápias (*Bentana*, *Coptodon guineensis* e *Sarotherodon melanotheron*). Embora este processo seja exercido em todo o país, porém, é mais frequente em zonas do Sul, principalmente em Cacine, Buba, Cubucaré e Jabada Porto.

Para Escalada, o processo de transformação começa da seguinte maneira: colocam o sal e depois o peixe fica guardado em qualquer lugar por alguns dias e logo que o processo de transformação começa, o pescado é colocado ao sol, posteriormente o pescado é aberto, salgado e secado ao sol, de novo. Esse processo acontece apenas com os pescados de grande tamanho como corvina (*Pseudotolithus sp.*), becuda (*Sphyraena sp.*) e barbo (*Polydactylus quadrifilis*). Portanto, o produto final se encontra no estado salgado-seco.

Para *Casséké*, usa-se quase o mesmo procedimento que para escalada, mas não se fermenta o pescado. É apenas aberto e secado ao sol, após retirados órgãos internos, mas não é salgado como escalada. Esse processo acontece exclusivamente com tainhas, bentana e peixe-gato (*Clarias sp.*).

3.5. Subsector da pesca artesanal

O subsector da pesca artesanal, engloba a pesca artesanal continental, praticada dentro das águas interiores e a pesca artesanal marítima, desenvolvida no mar territorial no exterior da linha de base e dentro dos limites das 12 milhas náuticas, medido a partir da linha de base, onde operam embarcações de pequeno porte ou monóxilos tradicionais, propulsionados a motor ou sem motor, utilizando a técnica de captura com artes de pesca básicas, linha de mão (anzóis), armadilhas e redes de pequenas dimensões (EMBALO, 2021).

A pesca artesanal divide-se em duas partes essenciais: a pesca de subsistência, praticada pela maioria dos pescadores nacionais e a pesca comercial, dominada pelos pescadores estrangeiros (Senegal, Guiné-Conacri, Serra Leoa, Mali, Gana e Gambia), que dispõem de maior e melhor capacidade de pesca (técnicas e material) e praticam a pesca dentro ou fora de acordos ou tratados, sendo a maior parte das suas capturas desembarcada em portos não nacionais, ou seja, fora da Guiné-Bissau (MBALO, 2021 FERNADES, 2014).

3.6. Subsector da Pesca Industrial

As zonas de pesca na Guiné-Bissau subdividem-se em 3 (três) partes importantes:

- Zona de pesca de pesca artesanal (águas interiores e o mar territorial);
- Zona de pesca industrial (além das 12 a partir da linha de base da costa);
- Zona marítima comum entre a Guiné-Bissau e o senegal (azimutes 268° e 220°, medido a partir de Cabo Roxo).

A zona reservada à pesca artesanal são as águas interiores e o mar territorial, enquanto a pesca industrial é feita além das 12 milhas, a partir da linha de base, conforme a lei Geral das Pescas (CIPA, 2019).

3.6.1 Acordo de pesca com a União Europeia

A Guiné-Bissau e a União Europeia estão ligadas desde 1980 por um acordo de projeto de muitos protocolos consecutivos. O penúltimo protocolo foi firmado para fortalecer entre anos (2014-2017) comissão sub-região de pesca (CSRP) e o último acordo de parceria no

domínio da pesca sustentável (APPS) irá entrar em vigor entre (2019-2024), tendo como objetivo favorecer o desenvolvimento da pesca sustentável e a extração sensata e sustentável dos recursos haliêuticos nas zonas de pesca da Guiné-Bissau, a par do desenvolvimento do sector pesqueiro guineense e da sua economia azul. Atualmente é considerado o terceiro acordo mais importante em termos dos três acordos que permitem acesso a pescaria mista no mar da Guiné-Bissau (EU & GB, 2019).

O atual acordo de pesca estabelece uma proposta de transição de sistema de definição ou repartição de possibilidade de pescas em taxa de arqueação bruta (TAB), que será aplicada no âmbito deste acordo só para os dois primeiros anos da sua vigência e para os restantes anos será aplicado o sistema de total admissíveis de captura TAC (EU & GB, 2019).

Montante de recompensa financeira do acordo de pesca aumentou de 11,6 milhões de euros em 2014, para 15,600 milhões de euros em, 2019, e de 3 milhões para 4 milhões de euros por ano destinado para o apoio à política setorial das pescas da Guiné-Bissau (UE & GB, 2019).

3.6.2 Acordo de pesca com *China National Fisheries Corporation* (CNFC)

Em 28 junho de 2010, a China assinou um protocolo de acordo de pesca com a Guiné-Bissau, para um período de 4 anos para vigorar até 2014, em que a Guiné-Bissau concedeu a possibilidade de pesca ao CNFC (ver a tabela 1). Em contrapartida, a CNFC por sua vez é obrigada a pagar um montante correspondente a 1.250.000 USD de cada ano, dos quais 250.000 USD ao apoio financeiro setorial para a realização de programas do desenvolvimento do sector (investimentos de construção de unidade industrial de conservação e tratamento de pescado e infraestruturas de desenvolvimento de pesca).

A CNFC poderá efetuar o desembarque de 40 toneladas de pescado diverso por navio, destinado ao consumo a favor do Estado da Guiné-Bissau, em complemento de licenças de pesca, embarque marinheiros e observadores; deverá ainda efetuar um pagamento de um montante anual de 6.000.000 de FCFA, ao governo da Guiné, para custear as despesas com os observadores a bordo dos respetivos navios (GB & CNFC, 2010).

Tabela 1: Possibilidade de pesca atribuída às frotas da CNFC

QUADRO DE ACORDO	TIPO DE PESCA	TAB/ANO	Custo de licença USD/TAB/ANO
CNFC	Arrasto de camarão	398	420
	Arrasto de cefalópodes	2.340	341
	Arrasto de peixe	2.145	315

Fonte: Embalo, 2021

3.6.3 Acordo de pesca com Senegal

A Guiné-Bissau mantém um acordo de pesca com a República de Senegal, ao abrigo da Convenção no domínio de pesca marítima estabelecida entre ambos os Estados e assinado em Dakar em 22 de dezembro de 1978, que abrange o subsector da pesca artesanal e o subsector da pesca industrial (RGB & RSN, 1978).

Foi objeto de sucessivos protocolos, tendo o protocolo de acordo mais recente sido assinado em janeiro de 2019. Este, à semelhança dos anteriores, define as condições de exercício de pesca artesanal e industrial, as modalidades da emissão de licenças, as possibilidades de pesca (ver tabela 2 abaixo), as tarifas, as medidas técnicas, as descargas, as declarações de capturas, o nível das capturas acessórias o embarque dos observadores e o embarque dos marinheiros e também prevê a possibilidade de pesca, o acesso dos estudantes oriundos da Guiné-Bissau aos institutos de formação do Senegal.

No âmbito deste acordo as embarcações de pesca artesanal são obrigadas mensalmente a comunicar as suas capturas, enquanto os navios de pesca industrial exceto os atuneiros, são obrigados a desembarcar trimestralmente três toneladas de pescado a favor do Ministério das Pescas; caso contrário aplica-se uma multa de 665.000 FCFA por tonelada não desembarcada (RGB & RSN, 1978).

Tabela 2: Possibilidade de pesca atribuída as frotas de Senegal

QUADRO DE ACORDO	TIPO DE PESCA	TAB/ANO	Custo de Licença FCFA/TAB/ANO
SENEGAL	Arrasto de crustáceos	1.200	184.080
	Arrasto de Cefalópodes	750	166.400
	Arrasto de Peixes demersal	1.000	93.600
	Arrasto de peixes pelágico	1.500	52.000
	Atum Caneiro	15 navios	3.120.000Fcfa/navio/ano
	Atum Cerqueiro		5.200.000Fcfa/navio/ano

Fonte: Embalo, 2021

4. RESULTADOS

4.1 Caracterização dos meios de subsistência das aldeias

4.1.1 Bem-estar (casa e bens) por aldeia

Tabela 3: Bem-estar por aldeia

	Malafó	Jabada Porto
Fogões (n)	27	20
Teto		
Palha	41%	40%
Zinco	59%	60%
Casa		
Cimentado	0%	0%
Latrina	48%	75%
Painel solar	41%	45%
Parabolica	4%	0%
Bens		
Tv	7%	10%
Radio	41%	35%
Móvel	89%	90%
Bicicleta	30%	25%
Moto	11%	10%
Máquina decasca	0%	15%
Pesca		
Canoa	4%	80%
Rede	19%	55%

Teto

Quando se trata do tipo de telhado das casas em Malafó, 41% dos entrevistados possuem telhados de palha e 59% têm telhados de zinco. Já no Jabada Porto, 40% das pessoas têm telhados de palha e 60% têm telhados de zinco.

Casa

Em relação às casas feitas de cimento, nenhuma casa é construída com esse material. Quanto às latrinas, em Malafó, 48% das casas possuem, enquanto em Jabada Porto, 75% delas têm esse tipo de instalação. Sobre a posse de painéis solares, em Malafó, 41% dos entrevistados têm, enquanto em Jabada Porto, essa percentagem é de 45%. No que diz respeito às antenas parabólicas, Malafó possui 4%, enquanto Jabada não tem.

Bens

Em termos de posse de bens, não há muitas famílias com televisão (Malafo: 7% e Jabada Porto: 10%). Em Malafo, 41% dos entrevistados possuem rádio, enquanto em Jabada Porto essa percentagem é de 35%. No que se refere aos telemóveis, a posse é alta em ambas as aldeias, com 89% dos habitantes de Malafo possuindo um e 90% em Jabada Porto. Em relação às bicicletas, 30% dos agregadores familiares de Malafo têm uma, enquanto em Jabada Porto essa proporção é ligeiramente menor, com 25%. A posse de motos é relatada por 11% dos fugões em Malafo, enquanto em Jabada Porto é um pouco menor, com apenas 10%. É importante notar que apenas em Jabada Porto (15%) existe uma máquina de descascar arroz, enquanto em Malafo esse bem não está disponível.

Pesca

Mais de metade dos agregados familiares em Jabada Porto possuem canoas (85%) e redes (55%), enquanto em Malafo um número limitado de agregados familiares as possui (canoas: 4% e rede: 19%).

4.1.2 Atividades produtivas por aldeia

Tabela 4: Atividades produtivas dos fogões nas aldeias

	Malafó	Jabada Porto
Fogões (n)	27	20
Arroz		
Arroz de mangal	100%	100%
Pampam	30%	0%
Vegetais		
Mancara	70%	5%
Mandioca	11%	15%
Batata-doce	4%	0%
Feijão	19%	0%
Hortaliças	41%	80%
Frutas		
Banana	15%	0%
Manga	22%	70%
Limão	30%	70%
Laranja	0%	10%
Caju	81%	0%
Chebeu de granja	4%	0%
Animais		
Vaca	37%	20%
Cabra	67%	35%
Porco	59%	90%
Galinha	85%	80%
Galinha mato	4%	0%
Pato	0%	15%
Bagueiras	4%	0%

Arroz

Em relação à produção de arroz de mangal, em Malafó e Jabada Porto todos os fogões têm bolanhas salgadas. No que diz respeito ao pampam, só alguns fogões fazem (30%) em Malafó, enquanto não há em Jabada Porto.

Vegetais

Mancara é o vegetal mais lavrado em Malafó com 70%, mas só 5% dos fogões fazem isso em Jabada Porto. A maior parte dos fogões em Jabada Porto tem hortaliças (80%), enquanto que menos de metade dos fogões tem em Malafó (40%). Também há mandioca em Jabada Porto e Malafó, mas limitado, com 11% e 15% respetivamente. Em Malafó existem alguns fogões que cultivam feijão e batata-doce, o que não acontece em Jabada Porto.

Frutas

Muita fruta é cultivada em Jabada Porto, sendo a manga e o limão as frutas populares (ambas 70% do total de agregados familiares). A laranja também é cultivada por 10% das famílias. Em Malafo, em geral, cultiva-se menos fruta, com apenas 30% dos agregados familiares a cultivar limão, 22% manga e 15% banana.

Caju

Não há caju em Jabada Porto, mas a grande maioria dos agregados familiares cultiva caju em Malafo (81%). Durante as entrevistas, verificou-se, porém, que muitas mulheres de Jábada se deslocam para outras aldeias a fazer a campanha de colheita.

Cheben de granja

Relativamente sobre a posse de cheben de granja: Malafo com (4%) ao passo que a gente de Jabada porto não têm cheben de granja.

Animais

A maior parte do total do agregado familiar em Malafo possui em percentagem decrescente: galinhas (85%), cabras (67%) e porcos (59%). Pouco mais de um terço dos agregados familiares (37%) têm vacas e apenas 4% têm bagueiras e galinhas de mato. A grande maioria dos agregados familiares em Jabada Porto possui porcos (90%) e galinhas (80%). Um número menor também tem em percentual decrescente: cabras (35%), vacas (30%) e patos (15%).

4.1.3 Rendimento

Tabela 5: Rendimento por aldeia

	Malafa	Jabada Porto
Fogões (n)	27	20
Arroz	11%	40%
Vegetais		
Mancara	48%	5%
Mandioca	4%	5%
Feijão	19%	0%
Hortaliças	33%	10%
Frutas		
Banana	4%	0%
Limão	11%	25%
Coco	0%	0%
Laranja	0%	0%
Caju		
Castanha de caju	56%	0%
Vinho	37%	20%
Campanha homens	26%	0%
Colheita mulheres	7%	70%
Palmeira		
Cite	7%	0%
Vinho	0%	0%
Animais		
Vaca	11%	5%
Cabra	41%	25%
Porco	33%	75%
Galinha	26%	35%
Galinha mato	0%	0%
Pato	0%	5%
Mel	11%	0%
Pesca		
Homens	11%	100%
Mulheres	44%	5%
Remessas	4%	0%
Salário	11%	0%

Arroz

Em termo de rendimento nas aldeias, só 11% dos fogões total tem rendimento de arroz enquanto em Jabada Porto é 40%.

Vegetais

Os produtos agrícolas são cultivados principalmente para consumo doméstico em ambas as aldeias, embora em Malafo a mancarra também seja vendida em quase metade dos agregados familiares (48%). Um pequeno número de agregados familiares também mantém hortas geradoras de dinheiro em ambas as aldeias (33% em Malafo e 10% em Jabada Porto).

Frutas

A fruta raramente é cultivada para venda, embora em Jabada Porto se venda limão (25%), enquanto em Malafo se vendem limão (11%) e banana (4%).

Caju

No que se refere sobre o rendimento de castanha de caju entre as tabancas: Malafo com (56%) de renda sobre venda de castanha de caju, oposto de Jabada Porto não há caju. Sobre o rendimento de venda de vinho de caju Malafo tem (37%) e Jabada tem (20%) de renda de venda de vinho de caju. No que se fala renda da colheita pelas mulheres Malafo com (7%) e Jabada Porto com (70%). Em Malafo 26% dos fogões onde os homens fazem campanha de compra de castanha para patrão no período da colheita de caju. Pelo contrário em Jabada Porto não há homens a dedicar-se a esta atividade de rendimento.

Palmeira

O rendimento da extração de cite em Malafo é de 7%, enquanto Jabada Porto não há. Em ambas as aldeias, não há venda de vinho de palma.

Animais

No que concerne ao rendimento com os animais: em Malafo uns certos números de famílias declararam poder vender vacas (11%), enquanto em Jabada Porto o número é menor (5%). O rendimento com venda de cabras abrange um número considerável de famílias em Malafo (41%), sendo menor em Jabada Porto (25%). Pelo contrário a renda da venda de porcos abrange um menor número de famílias em Malafo (33%) do que em Jabada Porto (75%). O rendimento com a venda das galinhas abrange 26% das famílias em Malafo, havendo um maior número de famílias em Jabada Porto que se dedica à criação para venda (35%). Em ambas as aldeias os agricultores não criam galinhas de mato para vender e a renda de venda de patos é igualmente muito baixa. A criação de abelhas para venda de mel é realizada por um número baixo em Malafo (11%), mas em Jabada Porto ninguém se dedica a esta atividade.

Pesca

Em termos de rendimento de atividade de pesca tanto os homens, assim como as mulheres em ambas aldeias pescam, embora haja diferenças significativas no número de fogões em que os homens se dedicam à pesca. Em Malafo, o rendimento de pesca das mulheres para família é (44% dos fogões) e o rendimento de pesca masculino é de (11% dos fogões). Em Jabada Porto a pesca dos homens tem grande rendimento para as famílias (100% dos fogões) e a pesca das mulheres não tem grande rendimento (5% dos fogões).

Remessas

Em termo dos fogões que têm família que lhe manda dinheiro para apoiar o rendimento familiar, em Malafo só recebem 6% dos fogões, enquanto que em Jabada Porto nenhuma família entrevistada recebe remessas.

Salário

Em Malafo 17% dos fogões há pelo menos um membro que recebe salário para maior rendimento das famílias, em Jabada Porto todos os fogões inquiridos não têm membros que recebem um salário.

4.2 Práticas de pesca

4.2.1 A pesca das mulheres

Idade de início de pesca

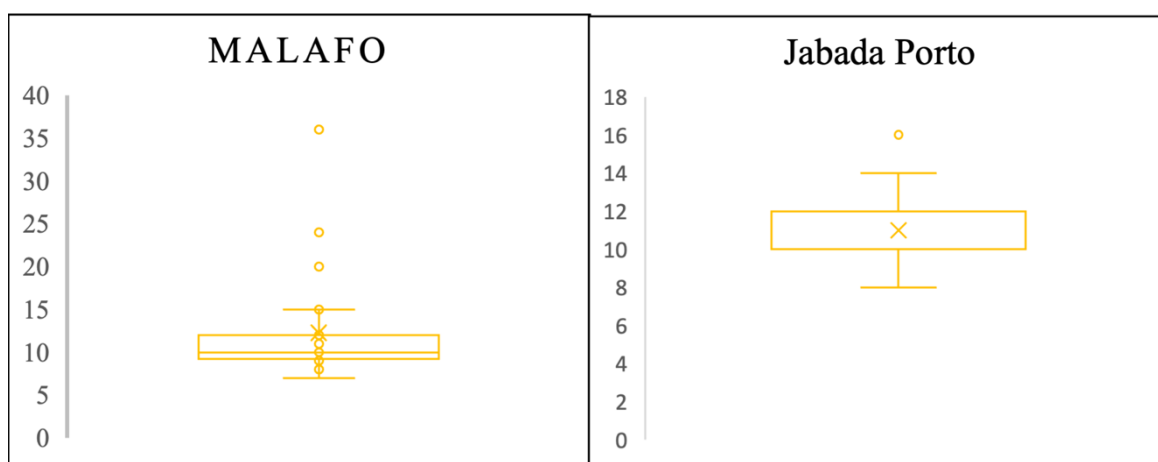


Figura 2: Idade de início da pesca das mulheres por aldeia.

De acordo com os resultados desta pesquisa, para as mulheres pescadoras inquiridas em Malafo o início da atividade de pesca é de mínimo 6 anos e máximo 36 anos. A média destas idades é de 10 anos e a maior parte fica entre 10 e 13 anos. Em Jabada Porto, a maioria das

mulheres começa a pescar entre as idades de 10 e 12 anos. A idade mínima de começar é de 8 anos e a máxima é de 16 anos.

Práticas de pesca das mulheres

Tabela 6: Práticas de pesca, destino e espécies-alvo das mulheres por aldeia.

Tabanca	Malafo	Jabada Porto
Fogões (n)	28	12
Instrumentos		
Nailon	82%	83%
Tenda	64%	25%
Local		
Bolanha	96%	100%
Mangal	36%	0%
Rio	29%	100%
Lagoa	14%	0%
Época de pesca		
Seco	32%	33%
Tudo ano	68%	67%
Destino		
Consumo	79%	92%
Consumo+Venda	21%	8%
Espécies		
Bentana	96%	100%
Selebsisonh	57%	100%
Pis sapato	100%	25%
Tainha	29%	75%
Djotto	0%	17%

Instrumentos

A rede náilon é mais usado nas duas aldeias em estudo, mas as mulheres de Jabada Porto não usam muitas tendas para pescar. Em Malafo, (82%) das mulheres usam rede náilon e (64%) usam tenda. Em Jabada Porto, (83%) das mulheres pescam com rede náilon e só (25%) com tenda.

Local

No que concerne as zonas de pesca em Malafo, a quase totalidade (96%) das mulheres pescam na bolanha, e (36%) no mangal, (29%) no rio, e (14%) das mulheres pescam na lagoa. Em Jabada Porto a totalidade (100%) das mulheres inquiridas pesca nas bolanhas e no rio. Elas não pescam no mangal nem nas lagoas.

Época de pesca

Em Malafo a maioria das mulheres (68%) pescam durante todo ano, tanto na época da chuva como na seca, sendo 32% os que só pescam na época seca. Em Jabada Porto a maioria das mulheres pesca também todo ano (67%), e os que pescam somente na época seca são menor (33%).

Destino

As mulheres de Malafo pescam para sobretudo para consumo (79%) e só 21% pescam para consumo e venda. Em Jabada Porto (92%) das mulheres pescam só para subsistência familiar, e só uma minoria (8%) delas pesca para consumo familiar e venda.

Espécies

Todas mulheres de Malafo pescam *pis sapato*, 96% bentanas, e 57% delas pescam *selebisonh* e só 29% apanham tainha. Em Jabada Porto todas mulheres pescam bentanas assim como *selebisonh* e 75% pescam a tainha, 25% pescam *pis sapato* e 17% pescam *djotto*.

Destino do peixe fumado

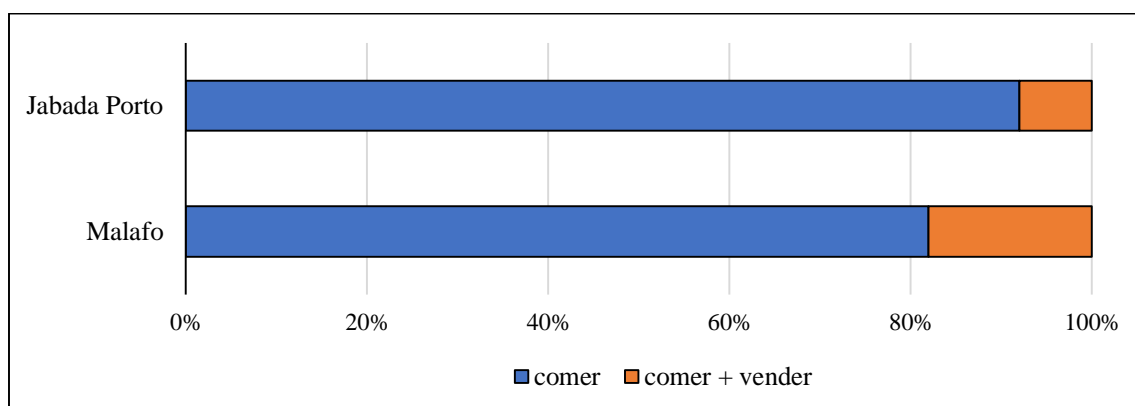


Figura 3: Destino do peixe fumado

Todas mulheres fumam peixe em ambas aldeias. O destino do peixe fumado na aldeia de Malafo é sobretudo para consumo familiar (82%), enquanto só 18% das mulheres fumam peixe para comer e vender. Em Jabada Porto 92% das mulheres fumam peixe para comer, 8% delas fumam também para fins económico.

4.2.2 A pesca dos homens

Idade dos inquiridos

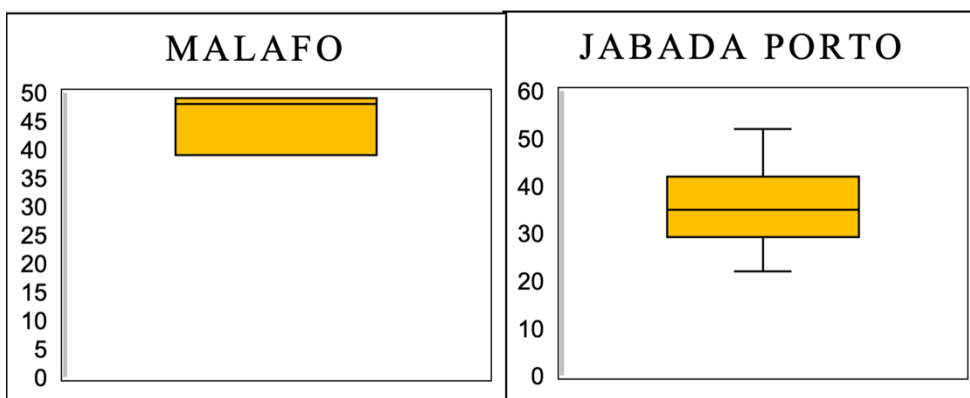


Figura 4: Idade dos pescadores inquiridos

De acordo com os resultados desta pesquisa aos pescadores inquiridos a idade mínima é de 22 anos e a máxima de 70 anos (figure 4). A idade da maioria dos inquiridos situa-se na média de 39 anos de idade. Podemos constatar que os pescadores em Malafo são mais velhos do que em Jabada Porto.

Etnias inquiridas

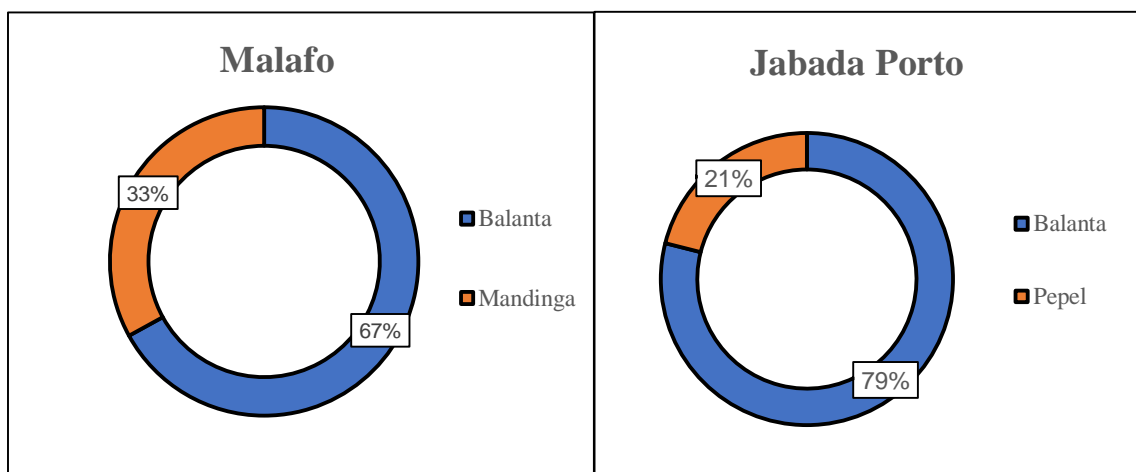


Figura 5: Etnia dos pescadores inquiridos

De acordo com os resultados das entrevistas com diferentes etnias (Figura 5), a etnia balanta foi mais entrevistada com 79% dos pescadores balanta em Jabada Porto e no Malafo 67%, seguido pelo papeis com 21% em Jabada porto e no Malafo um dos pescadores era Mandinga.

Instrumentos de pesca

Origem de canoas

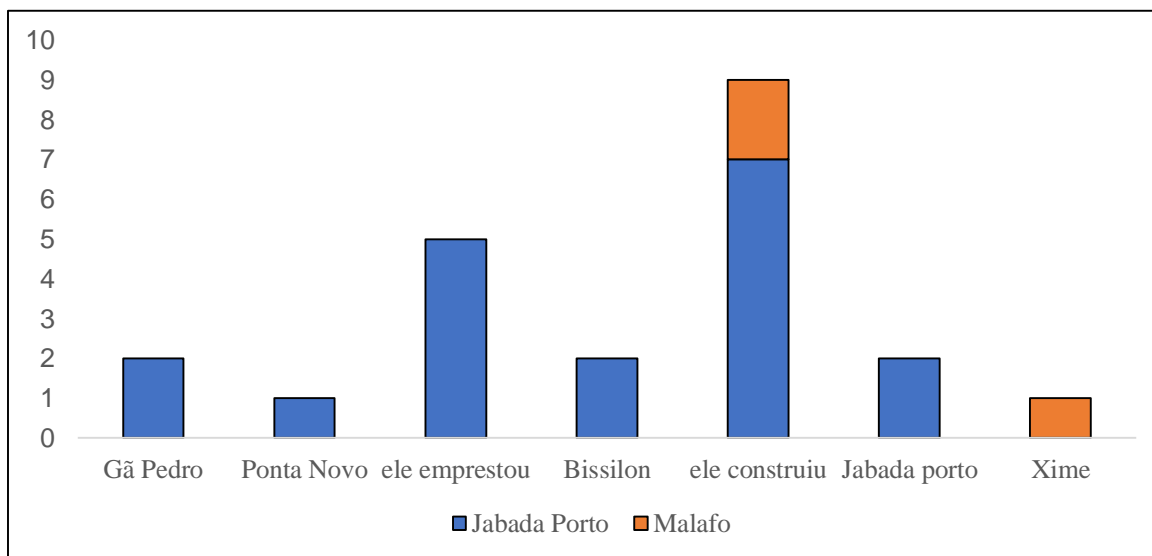


Figura 6: Origem de canoas.

De acordo com os resultados, a maior parte dos pescadores dizem que não compraram a canoa, mas que foram eles próprios quem as construiu nas aldeias. Em Jabada Porto, também há alguns pescadores que emprestam canoas ou compraram fora da aldeia. Nos casos em que as canoas não foram construídas pelo próprio ou emprestadas, os pescadores comprá-los nas localidades indicadas no gráfico (Figura 6).

Posse, quantidade e preço das redes

Tabela 7: Tipos de redes de pesca por aldeia

Tabancas	Jabada Porto	Malafo
Pescadores	20	3
Rede boiante	35%	67%
Rede de tainha	5%	0%
Talha rio	0%	33%

A tabela mostra que entre as aldeias eles pescam com redes diferentes. Em Jabada com 35% dos pescadores que usam rede boiante e só 5% dos inquiridos usam rede tainha. Em Malafo, dois pescadores usam rede boiante e um pescador usa talha rio.

Tabela 8: Número das redes por aldeia

Rede boiante		
Tabanca	Jabada Porto	Malafo
Pescadores (n)	20	3
Número de redes		
1	10%	33%
2	20%	33%
5	5%	0%
Rede de tainha		
Tabanca	Jabada Porto	Malafo
Pescadores (n)	20	3
Número de redes		
1	5%	0%
Talha rio		
Tabanca	Jabada Porto	Malafo
Pescadores (n)	20	3
Número de redes		
1	0%	33%

No que se refere a quantidade dos instrumentos de pesca nas duas aldeias onde a pesquisa foi feita: foram encontradas igualmente diferenças. Em Jabada Porto 20% dos pescadores têm duas redes boiantes, 10% dos pescadores tem só uma rede boiante e 5% dos inquiridos possui cinco redes. Nesta tabanca, 5% dos pescadores tem uma rede de tainha.

Em Malafo existe um dos pescadores que tem uma rede boiante e um outro, com duas redes boiantes. Em Malafo um dos três inquiridos usa talha rio.

Tabela 9: Preço das redes por aldeia

Rede boiante		
Tabancas	Jabada Porto	Malafo
Pescadores (n)	20	3
Preço (CEFA)		
1-20000	5%	0%
20000-40000	10%	0%
40000-60000	0%	0%
60000-80000	15%	67%
80000-100000	5%	0%
Talha rio		
Tabancas	Jabada Porto	Malafo
Pescadores (n)	20	3
Preço (CEFA)		
50000	0%	33%
Rede de tainha		
Tabancas	Jabada Porto	Malafo
Pescadores (n)	20	3
Preço (CEFA)		
15000	5%	0%

Em termo do preço dos instrumentos de pesca podemos afirmar que eles são muito variáveis. Em Jabada Porto 5% dos pescadores compraram rede com um preço entre 80000 CEFA e 100000 CEFA, 15% dos pescadores compraram rede boiante no valor compreendido entre 60000 CEFA e 80000 CEFA, 10% com valor entre 20000 CEFA e 40.000 CEFA, e 5% dos pescadores comprou rede boiante no intervalo de 10.000-20.000 CEFA. Em Malafo 67% dos pescadores compraram rede boiante no valor compreendido entre 60000 CEFA e 80.000 CEFA. Em Jabada Porto os pescadores não usam rede tipo de talha rio, em Malafo a talha rio custa 50.000 CEFA.

A maioria dos pescadores compram os seus instrumentos através da pesca, eles começam a pescar com material emprestado, vendem o pescado e depois compram os instrumentos necessários. Outros pescadores fazem empréstimo depois de começa a pescar a fim de poder pagar, outros conseguem através do projeto dos coreanos que dá instrumentos de pesca para capturar certas espécies do interesse do projeto. Outros conseguem o dinheiro através de trabalho de lavoura na tabanca.

Capital para comprar material de pesca

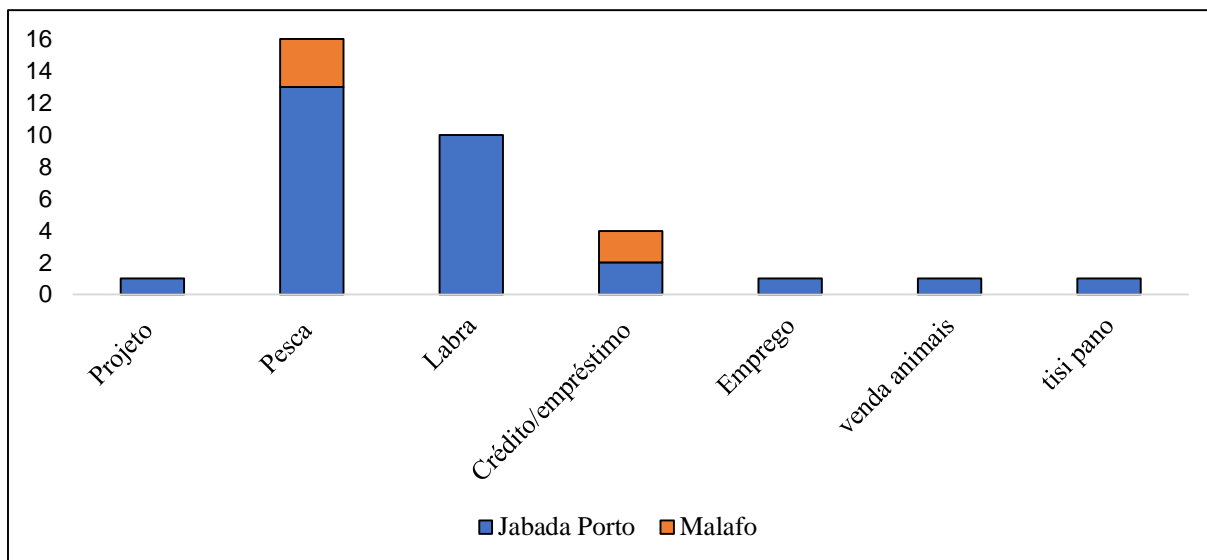


Figura 7: Capital para comprar material de pesca

A maioria dos pescadores inquiridos, conseguem dinheiro para compra dos materiais através da pesca nas duas aldeias. Em Jabada Porto, a lavoura também é uma fonte importante de rendimento para a compra das materiais de pesca, bem como a tecelagem de panos no caso de pescadores da etnia Pepel.

Espécies alvo

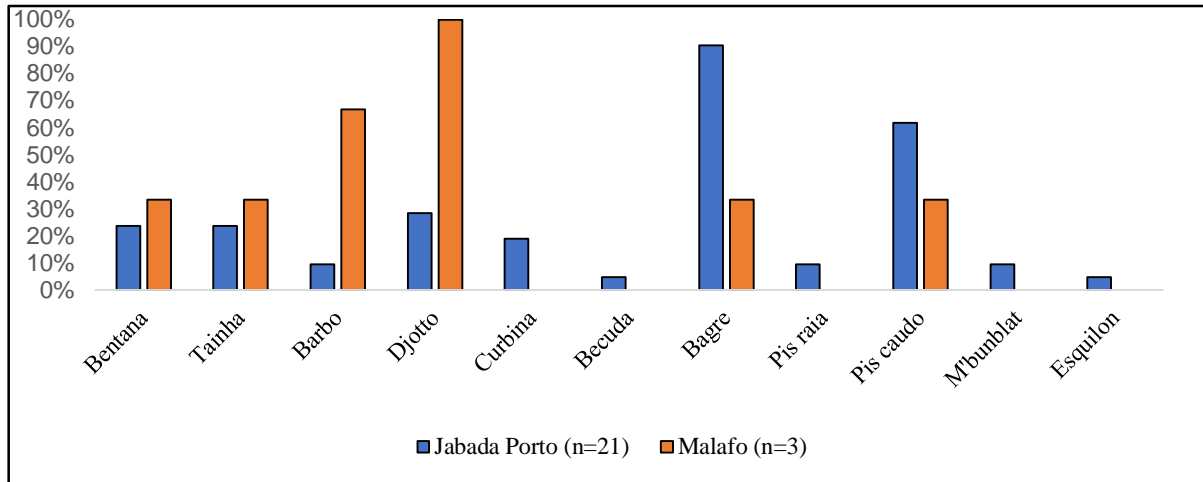


Figura 8: Espécies alvo

Em Jabada Porto os pescadores pescam bagre, peixe caudo, djoto, bentana, curbina e pis raia. Em Malafo os pescadores pescam mais djotto, barbo, benta e tainha, peixe caudo e bagre

Rendimento por semana

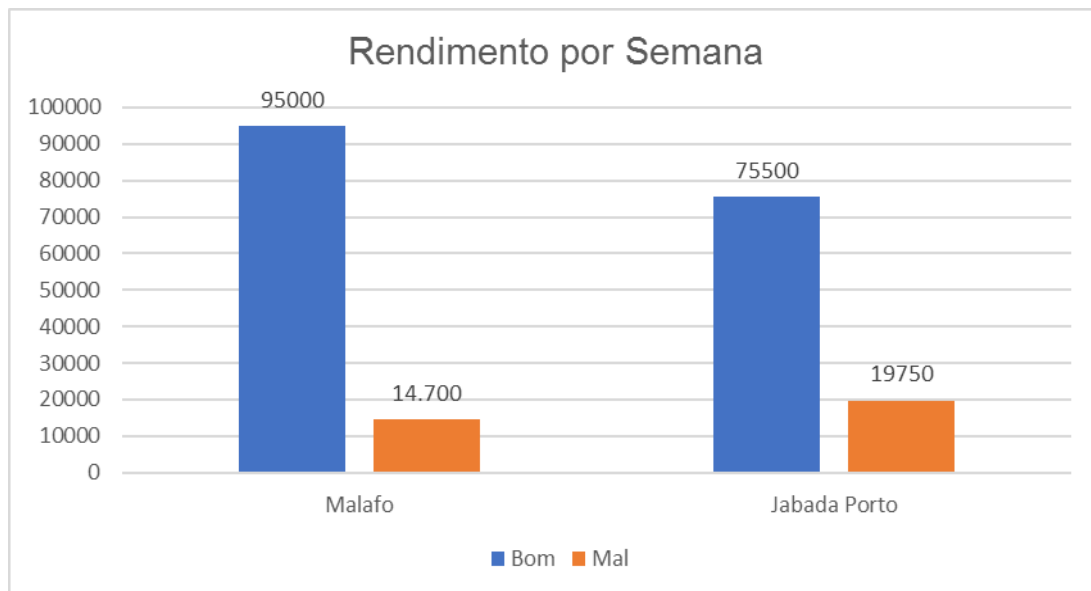


Figura 9: Rendimento (bom/mau) numa semana por aldeia

Os pescadores de Malafo tem mais rendimento de pesca durante uma semana (95.000 CEFA) muito superior, devido ao facto de menos pescadores (um total de três) que pescam intensivamente e venderem djotto. Durante uma semana com baixo rendimento, Malafo o mínimo rendimento é de 14.700 CEFA. Em Jabada Porto, uma semana com bom rendimento é

de 75.500 CEFA, enquanto que com mau rendimento atinge só 19.750 CEFA. Em Jabada vendem peixes em cordas, montes e quilogramas, por isso obrigando-nos a converter os dados em francos (CEFA) para poder comparar os rendimentos por aldeia.

4.3 Importância Do Peixe Na Alimentação

4.3.1 Malafo

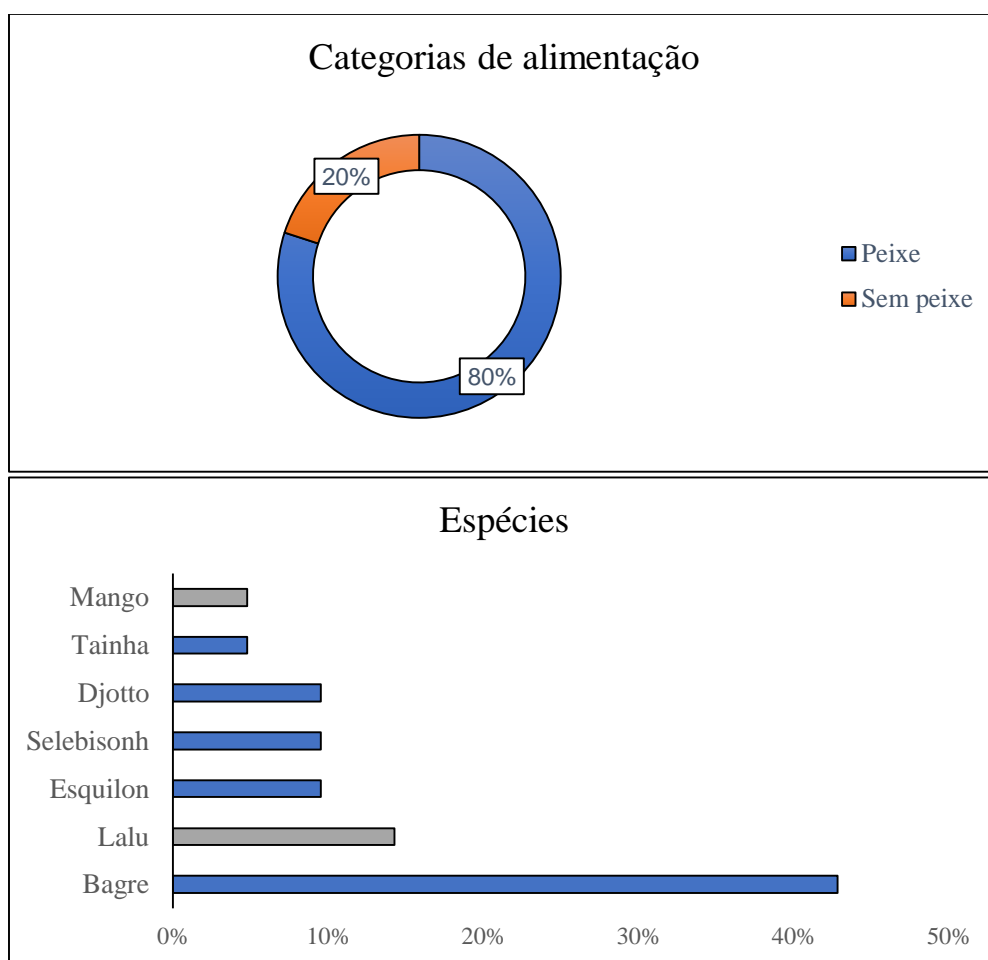


Figura 10: Categorias de alimentação e espécies de peixe na alimentação em Malafo.

No Malafo, os resultados mostram que durante a semana precedente à entrevista 80% dos pescadores comeram peixe. Um total de 20% dos inquiridos disseram que durante a semana anterior ficaram sem comer o peixe. Quase metade dos pescadores comeu bagre na semana passada.

4.3.2 Jabada Porto

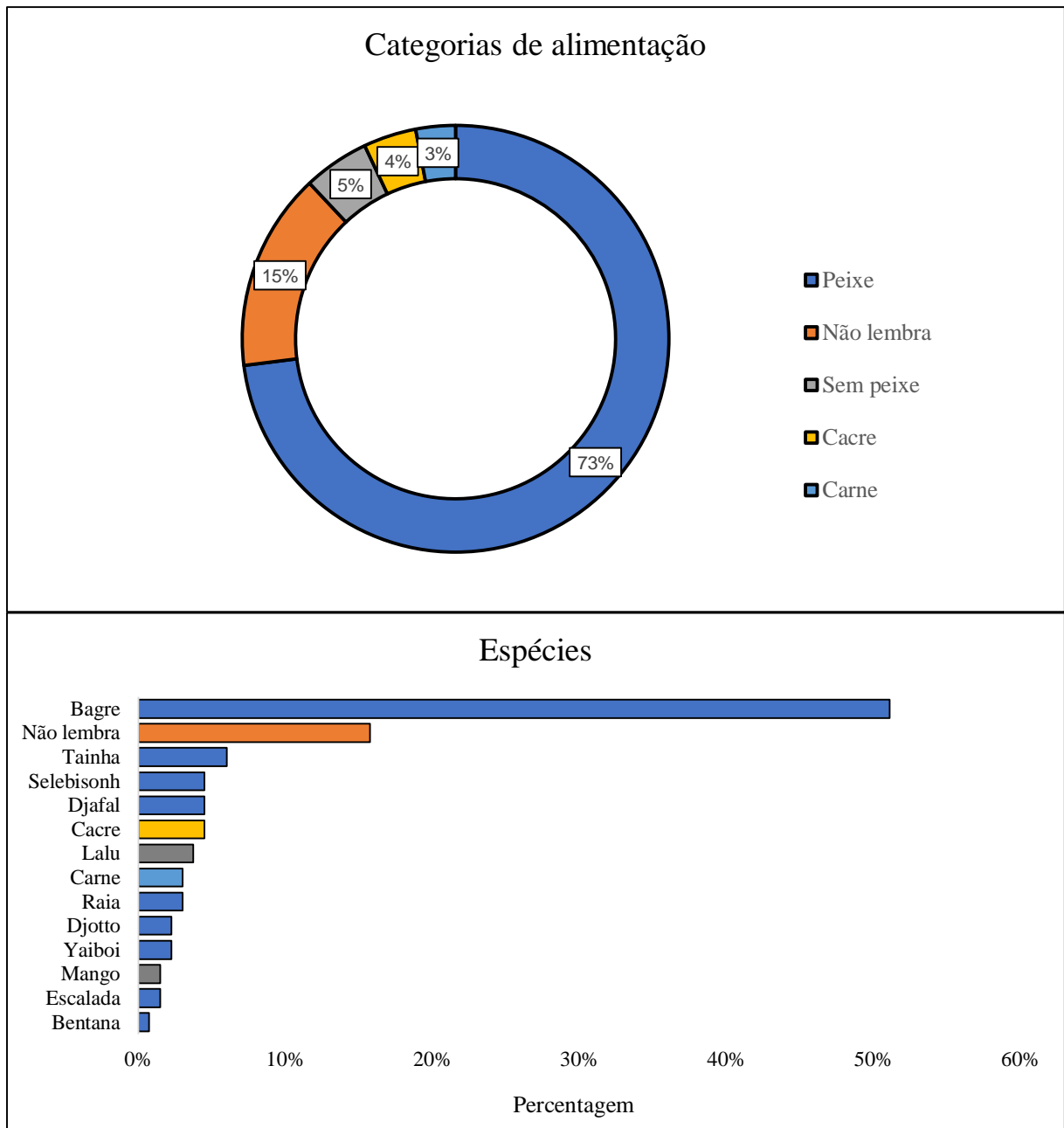


Figura 11: Categorias de alimentação e espécies de peixe na alimentação em Jabada Porto.

Em Jabada Porto, a maioria dos inquiridos indicam que durante a semana anterior se alimentaram mais com peixe 73%, enquanto que o consumo de carne não tem grande frequência 3%, e 10% das pessoas disseram não se lembrarem do que fizeram de alimento como complemento do arroz, 4% das pessoas alimentaram de cacre. O peixe mais consumido em Jabada Porto é o bagre, depois tainha e *bentaninhas*. *Cacre*, *djafal*, e *selebisonh* não são consumidos nesta aldeia. O peixe menos consumido nesta tabanca é “escalada”, como forma de preservação de peixes como o barbo ou a corvina.

4.4. A pesca de pis sapato (*Clarias gariepinus*) em Malafo

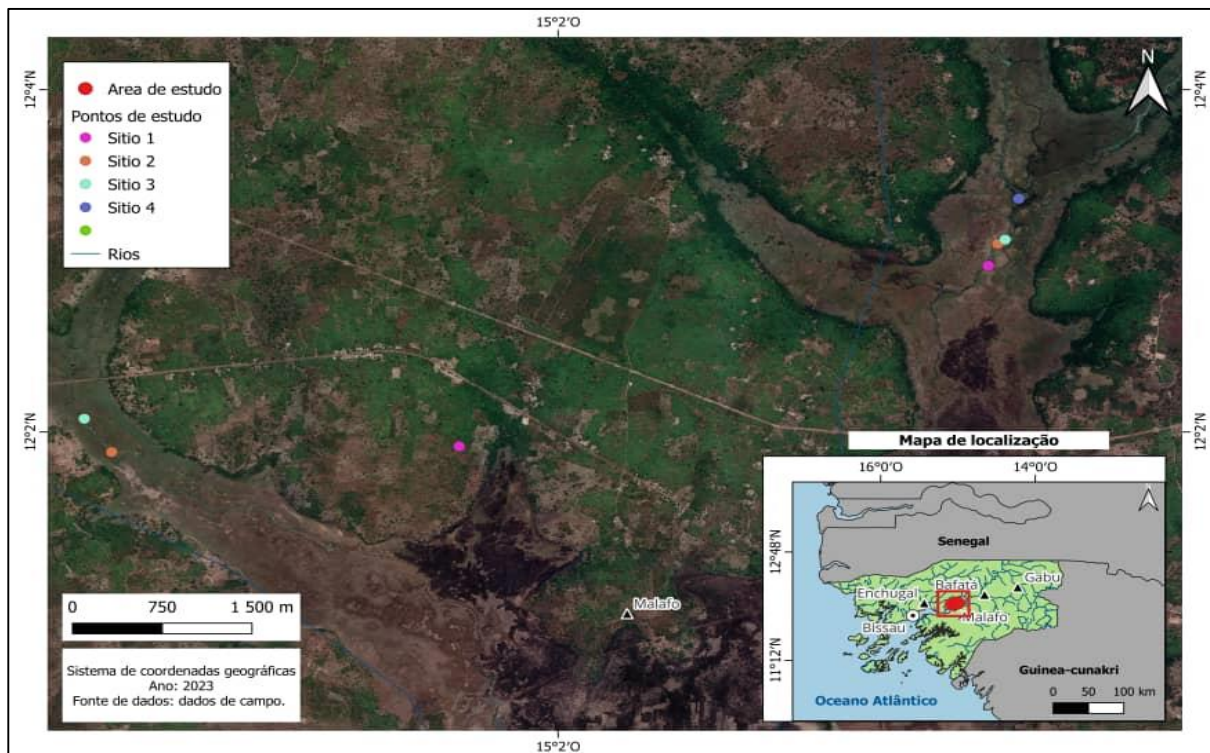


Figura 12: Mapa da participação na pesca em Malafo

Na minha primeira participação de atividade de pesca em Malafo só pescamos em três sítios: o primeiro ponto é onde iniciamos da atividade de pesca, o ponto de cor de laranja é o segundo local de pesca e ponto de cor azul bebé é onde terminamos a pesca no primeiro dia. A minha segunda participação na atividade pesca ocorreu em quatro sítios: o ponto de cor-de-rosa é onde iniciamos a atividade de pesca e o ponto de cor laranja é o segundo lugar de pesca e ponto de cor azul bebé é o terceiro ponto, e o ponto de cor de lilás indica onde terminamos a pesca.

Na minha primeira participação em 29 de abril de 2023, contamos com 226 participantes, sendo 49 mulheres, 16 homens, 38 bajudas, 79 rapazes, 20 meninos e 6 meninas. As idades variaram, com homens de 32 a 45 anos, mulheres de 23 a 40 anos, bajudas de 15 a 23 anos, rapazes de 16 a 25 anos, meninos de 8 a 12 anos e meninas de 8 a 12 anos. A atividade de pesca ocorreu das 09:18 am às 11:30 am.

Na minha segunda participação no dia 1 de maio de 2023, tivemos um total de 82 participantes, incluindo 10 homens, 10 mulheres, 4 bajudas, 43 rapazes, 14 meninos e uma menina. As idades dos participantes variaram, homens de 27 a 50 anos, mulheres de 23 a 27 anos, rapazes de 17 a 27 anos, bajudas de 18 a 20 anos, meninos de 10 a 12 anos e uma menina de 12 anos. A captura de peixes tinha como principal objetivo o consumo local, não a venda.

4.5 Mudanças Na Biodiversidade

4.5.1 Peixes Predominantes

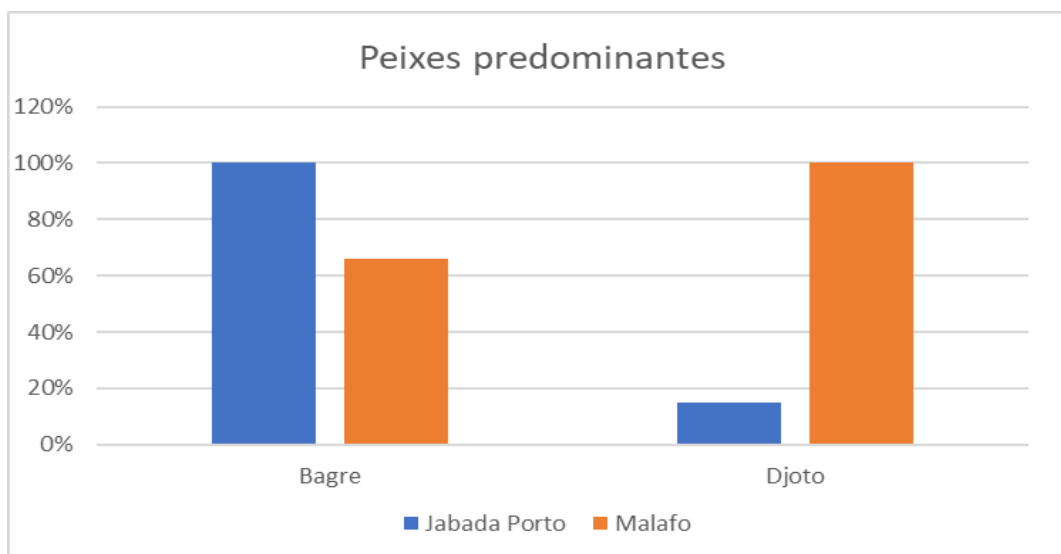


Figura 13: Peixes predominantes por aldeia

As espécies mais predominantes nas aldeias estudadas incluem o bagre como a espécie mais dominante em aldeia de Jabada porto, seguido pelo *esquilon*, barbo. Em Malafo, o bagre representa a espécies dominante, há mais outras espécies. Uma resposta em Jabada Porto foi excluída devido à sua incompatibilidade com o nosso conhecimento de terreno.

4.5.2 Diminuição E Mudanças De Espécies

Com base nos resultados obtidos, todos os pescadores concordaram que houve uma mudança na quantidade de peixes capturados. Alguns pescadores atribuíram essa diminuição ao aumento do número de pescadores, enquanto outros mencionaram a falta de cerimônias como um fator que contribuiu para a redução dos peixes. Além disso, alguns apontaram o aumento de sedimentos nos rios e a falta de profundidade como causas, mas observaram que essa diminuição ocorreu nos últimos cinco anos. Nenhum pescador de Malafo mencionou quer a pesca predatória por estrangeiros, quer as mudanças climáticas como fatores a considerar, mas os de Jabada porto mencionaram mudanças climáticas e falta de cerimônia.

5. DISCUSSÃO

5.1 História

Os homens Balantas, focados no cultivo de arroz de mangal, aprenderam a pescar com o grupo étnico Papel, esta aprendizagem ocorreu em diferentes momentos. Os papéis cuja provável origem da região de Bissau e Biombo, com a hipótese predominante de que descendem dos Beafada (PIRES, 2021). Os homens Papel desempenhavam papéis agrícolas, de pesca e de corte de chebém e extração vinho na aldeia, com um sistema social que incluía castas, com pescadores especializados e cortadores de frutos de palmeiras que frequentemente migravam para outras regiões.

Os Papeis, com seu amplo conhecimento e experiência em técnicas de pesca, reconheceram a importância de compartilhar suas práticas de pesca durante as migrações para outras comunidades. O processo de ensino envolveu uma relação próxima e colaborativa entre os dois grupos étnicos, caracterizada por respeito mútuo e troca cultural. Pescadores experientes dos Papel assumiram o papel de mentores, transmitindo suas habilidades e técnicas aos jovens Balanta através de sessões práticas de treinamento. Essa transferência inter-étnica de conhecimento não apenas fortaleceu os laços entre as comunidades, mas também contribuiu para o enriquecimento e diversificação das práticas de pesca na região.

A pesca começou a desempenhar um papel económico significativo a partir dos anos 80 durante com a liberalização económica da Guiné-Bissau sob o regime de Nino Vieira, quando os pescadores passaram a comercializar os peixes. Esse aumento na atividade pesqueira levou a um crescimento no número de pescadores Balantas em várias aldeias. A atividade de pesca de bagre pelos Papeis remonta ao período colonial e inicialmente servia apenas para subsistência. Depois eles ensinaram os Balantas a pescar com palangres em Jabada Porto quando o mercado que se abriu.

Por outro lado, à beira do rio Geba, na margem da tabanca de Malafo, existiam pequenos rios com cardumes abundantes, onde os peixes se alimentavam e reproduziam. Isso atraiu muitos pescadores de diferentes aldeias e regiões entre os anos de 1988 e 1992, tornando a pesca uma atividade desportiva na aldeia. Um pescador disse nos:

“Os jovens colocavam seus anzóis na restinga e estendiam a linha no rio para apanhar os peixes e ir vendê-los. Tinham muito “mafê.”

No entanto, à medida que a erosão, o desmatamento dos mangais e a formação de bancos de areia ocorreram, alguns rios começaram a fechar, resultando na diminuição dos recursos pesqueiros. Em 1996, o roubo de canoas, redes e anzóis também afetou a pesca, levando algumas pessoas a abandonar essa prática. No final da década de 1990 houve também um êxodo

rural que levou os jovens balantas às cidades (o capital Bissau) para prosseguirem os estudos porque os velhos os permitiram e a agricultura já não era considerada atrativa (ABRANTES, TEMUDO, 2015).

Antigamente não tinham canoa de motor e só recentemente que começaram a ter. Os pescadores da região de Quinara os primeiros que tiveram canoas de motor, em Malafo só tinham de rema. A gente da região de Quinara, especificamente Jabada Porto, foram as que começaram a construir canoas no Porto da rampa em Bissau. A gente de Malafo não ia pescar no outro lado rio porque não tinham muitas pessoas que sabiam remar bem. Então, a pesca desenvolveu-se mais em Jabada Porto em relação Malafo por influência dos pescadores papeis e uma maior disponibilidade de material. A falta de terra para plantar cajueiros também contribuiu para que a pesca de pequena escala em Jabada Porto assumisse até hoje um papel económico mais importante em comparação com Malafo.

Por outro lado, as mulheres de Jabada Porto têm o rendimento de vinho de caju, porque elas migram para outras aldeias no período da campanha de caju a fim de poder fazer extração de vinho de caju. Em ambas aldeias eles vendem arroz que produziram: Malafo com 11% dos fogões e Jabada porto com 40% dos fogões eles vendem arroz por falta de outro rendimento para atender as necessidades urgentes, mas depois compram arroz outra vez. Eles vendem arroz principalmente no mês de dezembro para poder comprar certas coisas para crianças assim como para adultos, mas não são todos os fogões.

5.2 A pesca atual

As mulheres de Jabada Porto e Malafo começaram a pescar como criança (por volta dos 10 anos) e pescam durante todo ano, com algumas mulheres limitar-se no tempo seco. A pesca feminina é sobretudo destinada ao consumo familiar (79% dos inquiridos em Malafo e 92% em Jabada Porto), mas também se vende o pescado (21% das mulheres e 8% delas em Jabada Porto). Assim, as mulheres de Malafo têm um rendimento elevado em comparação com as mulheres de Jabada Porto, onde elas desempenham principalmente a função de vendedoras do pescado dos homens.

A pesca em Malafo concentra-se nas bolanhas de água doce, os homens e as mulheres pescam no período dos meses de Abril e Maio, para fumar o pescado antes do tempo de chuvas, a fim de armazená-los em casa, pois durante o trabalho nas bolanhas, há pouco tempo para a pesca. Trata-se, assim, de uma atividade coletiva que envolve pessoas de todas as idades e sexos e tem por objetivo garantir a segurança alimentar. A pesca masculina de mangal em Malafo é até hoje principalmente uma atividade limitada, onde os homens pescam sobretudo com a lança

tradicional "*canhacu*" nas bolanhas. Existem apenas três pescadores que usam redes dentro da aldeia; um pescador que usa talha rio e dois usam redes boiantes para comercializar as suas capturas (no bairro da Flora). Em Malafo não usam rede de tainha porque no rio local essa espécie aparece raramente. O peixe-gato é uma espécie-alvo importante ligada às condições agroecológicas únicas da aldeia, onde possuem campos de arroz de água salgada e de água doce. Às vezes, pescadores do outro lado do rio vêm pescar perto da aldeia, vendem o pescado para a gente e voltam. A boa ligação rodoviária com Bissau também significa que muitos jovens de fora vêm pescar nas lagoas ao longo da estrada no tempo seco, principalmente com redes de *fertcha*, e depois vendem o pescado nos mercados urbanos por mais dinheiro. Conseqüentemente, a presença de canoas e redes em Malafo também é muito limitada (4% e 19% de todos os agregados familiares respectivamente). No entanto, só alguns pescadores pescam de forma intensa dentro da aldeia e podem ganhar muito dinheiro (por exemplo, numa semana com bom rendimento podem ganhar até 95.000 CEFA).

Em Jabada Porto, a pesca masculina é muito especializada na captura de “bagre” (*Carlarius sp.*) pela influência dos Papeis. Isto também explica porque a maioria dos pescadores possui palangres e redes boiantes para capturar esta espécie. A maioria dos pescadores em Jabada Porto também possui canoas porque a pesca é uma das atividades de subsistência mais importantes. Agora, os pescadores de Jabada Porto têm menos rendimento durante a semana devido ao aumento de número de pescadores. A captura de bagre tem diminuído muito nos últimos anos pela pesca predatória dos pescadores estrangeiros no oceano, com consequência que os pescadores locais têm de ir pescar cada vez mais fundo no rio. Agora, eles procuram os peixes principalmente perto de Bará, no outro lado do rio Geba. Para eles a pesca serve para a subsistência e para fins económicos e é uma atividade complementar de agricultura, principalmente no tempo seco. O dinheiro de pesca para eles serve para comprar os instrumentos de pesca assim como compra de arroz para consumo familiar em casa e para outros fins.

Atualmente, em Malafo, as mulheres também pescam menos do que antes. Elas pescam dentro dos canais das bolanhas ou no pequeno rio que os rodeia. Antes elas pescavam mais porque nas bolanhas havia muitos peixes. Elas dizem que a quantidade de peixe diminuiu porque pescadores do Mali instalavam acampamentos para pescar pis sapato e fuma-ló a fim de levar para vender, sobretudo na zona perto de Ximé. A diminuição de peixe nas bolanhas também tem como consequência que elas actualmente usam tendas para capturar os peixes pequenos mais eficiente para poder garantir a segurança alimentar.

5.3 Dinâmicas de gênero

Em Malafo, os homens e as mulheres pescam em grupos nas bolanhas, onde os homens usam *Canhacu* e as mulheres utilizam redes redondas. Meninos e meninas também se envolvem na pesca, trabalhando juntos no mesmo local. Os homens entregam os peixes às mulheres após a atividade, que, em seguida, lavam os peixes com água quente antes de processá-los. Para preservação, as mulheres fumam ou transformam alguns peixes em cassequé, para uso em tempos em que é difícil encontrar peixe para consumo ou venda. Durante o tempo das chuvas, por exemplo, as atividades de produção de arroz (como lavoura e a plantação de arroz) exigem muito esforço e não há muito tempo para ir pescar e alimentar os grupos de trabalho na bolanha.

Na região de Quinara, as mulheres não pescam intensamente, mas atuam como intermediárias, comprando os peixes e fumando-os em fumeiros financiados pelo projeto Tiniguena. A defumação do peixe acontece no tempo seco, quando menos trabalho é feito nos campos de arroz. Após o processo de defumação, as mulheres transportam os peixes para Bissau via Porto de rampa, onde os vendem a preços que variam, dependendo dos tipos de peixes. O bagre é vendido por corda e o preço pode variar de 1000 a 2000 cefa. Além de Bissau, as mulheres comercializam os bagres em outras regiões, como Gabu, Bafatá e Mansoa. Segundo eles, as mulheres não usam a lenha de tarrafes para fumar os peixes, pois isso os deixa com uma coloração escura. Em vez disso, utilizam *cabacu* de poilão para garantir que os peixes tenham uma boa coloração.

5.4 Importância na alimentação

O peixe tem grande importância na alimentação nestas aldeias: Malafo 80% das pessoas disseram que comeram peixe durante a semana passada. Quase metade dos pescadores comeram o bagre e outras espécies durante a refeições. Ao passo no Jabada Porto 73% dos inquiridos comeram peixe durante a semana passada, o consumo de carne não tem muitas frequências e 4% deles alimentaram com cacre. A gente de Jabada Porto comem sobretudo bagre. O peixe representa uma componente proteica muito importante na dieta local e os dados mostram isso. Esta dependência do peixe para a alimentação, e o declínio das atividades pesqueiras em Malafo, tornam a comunidade local dependente dos mercados externos com consequências negativas para o orçamento familiar. Um pescador em Malafo afirmou:

“Antes havia muito peixe para comer e muito mais barato. Antes pediam 500 CEFA, agora há menos pescadores, então aumentaram os preços até 1000 CEFA, muito caro. Se não tiver 1000 CEFA, não terá “mafê”, peixe para comer.”

Bagre é uma espécie muito importante na alimentação devido à disponibilidade da espécie no rio Geba o que significa que as pessoas em Malafo hoje precisam dinheiro para comprá-lo. Outras aldeias do outro lado do rio podem beneficiar disto, como Jabada Porto, como existe um grande mercado nas aldeias vizinhas e, portanto, os vendedores aumentam os preços.

5.5 Peixe em diminuição

A diminuição dos recursos pesqueiros teve um impacto negativo nas aldeias estudadas, afetando a capacidade de compra de arroz e causando dificuldades na aquisição de instrumentos de pesca. Os peixes diminuíram no rio de Malafo devido a sedimentação isso levou com que os peixes grandes deixassem de frequentar o rio. Os pescadores pescam mais perto da tabanca nos rios porque têm medo de ir a zonas longe devido as materiais de pouca capacidade. Os pescadores apanham djotto nos meses de outubro e novembro, embora nos meses de abril e maio eles pescam mais bagre. Um informante-chave disse que os jovens podem querer regressar às atividades de pesca em Malafo nos próximos anos, porque atualmente está a gerar dinheiro e porque a castanha de caju já começou a perder o seu rendimento.

Os pescadores de Malafo disseram que a diminuição de peixe tem a ver com a sedimentação do rio, e falta de fundura do rio, ao passo que os pescadores de Jabada Porto elencaram que aumentos de número dos pescadores e as mudanças climáticas. Alguns deles disseram que essa diminuição tem haver com a falta de realizações das cerimônias que dantes faziam, isso que levou a diminuição dos recursos pesqueiros em Jabada Porto.

No entanto, o Bagre é uma espécie de peixe que não só é importante para a população, tanto para a economia como para o consumo local, mas também é popularmente capturada em águas mais distantes do oceano pela pesca industrial. Os bagres pertencem ao género de *Carlarius*, sendo importante para o conjunto das frotas ao representar 9% das capturas acessórias de peixes nos últimos 10 anos. A sua zona de ocorrência ocorre em profundidades menores do que 100 m e é capturado em quantidades importantes pelos pescadores artesanais que operam nas águas costeira, assim como nos rios e estuários (SOBRINO I *et al.* 2022).

As capturas de bagre apresentaram flutuações ao longo dos anos, tendo começado a ser capturados em grande quantidade a partir de 2014 com um aumento até atingir o valor máximo em 2016 de 10749 ton. Depois dessa data, o peixe começou a diminuir até atingir um valor mínimo em 2020 com 1009 ton (SOBRINO I *et al.* 2022). A frota da China é responsável pela maioria das capturas, com uma percentagem média de 80 % entre 2010-2020, enquanto a frota europeia captura 2 % e o resto dos países 18 % da quantidade total (SOBRINO I *et al.* 2022).

6. CONCLUSÃO

Através deste estudo, podemos compreender que a pesca praticada pelas mulheres nas tabancas em análise é uma atividade tradicional, enquanto a pesca dos homens, embora não tenha sido tradicional, foi influenciada pela convivência com os papéis, que ensinaram técnicas de pesca com canoas e redes. Nas aldeias estudadas, o bagre é a espécie dominante em Jabada Porto e o Malafo *djotto* é espécies mais dominante.

A pesca desempenha um papel de grande importância na dieta alimentar das comunidades, fornecendo proteína, além de contribuir significativamente para a economia local como uma atividade complementar à agricultura. Por outro lado, compreendemos que os pescadores de Jabada porto possuem mais canoas de pesca e redes, são mais especializados nas atividades de pesca, contudo a pesca é uma atividade mais importante para subsistência familiar e rendimento económico, os de Malafo são menos especializados nas atividades de pesca.

Com a diminuição dos recursos pesqueiros teve um impacto negativo nas aldeias estudadas, afetando a capacidade de compra de arroz e causando dificuldades na aquisição de instrumentos de pesca.

A pesca gera um número considerável de empregos e proporciona renda para uma proporção significativa dos pescadores. Além da pesca, as comunidades também se envolvem em outras atividades, incluindo a criação de animais de pequeno e grande porte. As mulheres desempenham um papel crucial na horticultura e na colheita de castanha de caju, especialmente em Malafo, onde essa prática é mais comum do que em Jabada Porto, sendo os produtos vendidos nos mercados locais. Por outro lado, os pescadores de Malafo tem mais rendimento por semana porque pescam intensivamente durante a semana e também não vão muito longe para pescar, contudo são menos especializados na atividade, os de Jabada Porto apesar de serem especializado, mas não pescam intenso durante a semana, e também vão muito longe para pescar e tem muitos pescadores a procura da mesma espécie que é bagre.

A pesca industrial desempenha um papel importante na economia do país, resultando em receitas significativas, em grande parte devido aos acordos firmados com parceiros internacionais. Historicamente, as frotas dos países da União Europeia dominaram as pescarias na Guiné-Bissau, mas recentemente houve uma tendência de diminuição em favor das frotas da Ásia e da África. No entanto, a ausência de um controle efetivo poderá resultar em capturas superiores às acordadas e numa invasão por pescadores ilegais com consequências que poderão vir a ser graves em termos de biodiversidade aquática e para a segurança alimentar e economia das comunidades rurais no país.

7. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDIN, N. & E.M. Bagatin **Munhoz Educação Ambiental Comunitária: Uma Experiência Com A Técnica De Pesquisa Snowball (BOLA DE NEVE)**. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient 1517-1256. 2011.

BLATA, F. I. **Arroz como Alimento Base da População Guineense: Estudo sobre seu cultivo e a sua Importância para o povo Brasa**. 2019.

CAMMILERI, Pe Salvatore. **A identidade cultural do povo Balanta**, Edições, Calibri e Faspebi, Lisboa Novembro, 2010.

CASSAMÁ, J. B. F. **Análise do Sector da Pesca Artesanal em Guiné Bissau**. Ufsc. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/184990> 2017. Acesso em: 30 de agosto 2023.

CENTRO de Investigação Pesqueira Aplicada CIPA. **IVº Inquérito sobre os aspetos socioeconómicos da Pesca Artesanal na Guiné Bissau** 2020.

EDMUNDSON, Helen. **Optimizar a Riqueza Natural Da Guiné-Bissau**. 2014 Disponível em: <https://documents1.worldbank.org/curated/ar/625301582753417100/pdf-> Acesso em 22 de novembro 2023.

EMBALÓ, Lamine. **Pesca sustentável: Análise da sustentabilidade da política de pescas na Guiné-Bissau**. Repositório do ISCTE. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/24101>. 2021. Acesso em: 15 de agosto. 2023.

FERNANDES. M. R. **Paisagens, pescas e pescadores no litoral da Guiné-Bissau** 2014. RILP - Revista Internacional em Língua Portuguesa - nº 27 – Acesso em agosto. 2023.

FERNANDES, R. M. **O Informal e o artesanal: pescadores e revendedeiras de peixe na Guiné-Bissau. Fronteiras pós-coloniais: rigidez, heterogeneidade e mobilidade**. 275 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/23327>. 2012. Acesso em: 24 out. 2023.

GB_CNFC **Protocolo de Acordo de Pesca entre o Governo da Guiné-Bissau e a China Nacional Fisheries Corporation**. *Pequim*, República Popular de China, 2010.

INTCHAMA, J. F. Araújo, P. C. R. **Análise da produção e economia do setor Pesqueiro de Guiné-Bissau, costa ocidental da África**. Repositório ufc, 2010. Disponível em <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3705> . Acesso em: 15 de agosto 2023.

KÉBÉ, M., Gallène, J. e Thiam, D. **Revista sectorial da pesca artesanal na Guiné-Bissau**. FAO. 1993. Disponível em: <https://www.fao.org/3/an086pt/an086pt.pdf>. Acesso em: 15 de agosto 2023.

LEI Geral de Pesca na Guiné-Bissau. **Suplemento ao Boletim Oficial da República da Guiné-Bissau**. 2000.

NOBREGA, A. **A luta pelo poder na Guiné-Bissau** Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/371031221> 2003. Acesso em: 03 novembro 2023.

PIRES, I.A. **Onkonte Aka Epro Banha? Por que a barriga pede tanto? Uma etnografia sobre o casamento do povo Pepel da Guiné-Bissau.** AbeÁfrica: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos 6:6. 2021.

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU **Plano Estratégico De Desenvolvimento Das Pescas Da Guiné-Bissau (2015 – 2020).** 2014.

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU **Plano Trienal De Co-Gestão E Desenvolvimento Das Pescarias Da Zona Da Reserva De Pesca Do Rio Grande De Buba & Lagoas De Cufada.** Projecto de Gestão da Biodiversidade da Zona Costeira Bureau de Coordenação da Componente Pesca – BCCP. 2009.

RGB & RSN. **Protocolo de acordo de pesca entre o Governo da Guiné-Bissau e a República de Senegal,** 1978.

SÁ, Geny Gil. **Pesca Artesanal Na Bacia Do Rio Buba, Guiné bissau/África: Uma Abordagem Multidimensional.** Repositório, Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/2990> 2018.

SOBRINO I. Intchama J. Lino P.G. **Relatório da 8a reunião do Comité Científico Conjunto sobre o Acordo de Parceria para Pesca Sustentável entre a República da Guiné-Bissau e a União Europeia,** 2022. Acesso em: 19 de outubro 2023.

TAVARES, V.V.M.C. **Organização Social e o Papel das Mulheres no Grupo Balanta Patch no Contexto da Guiné Bissau.** 2023.

TÉ, G. A. **Pescarias industriais de arrasto na plataforma continental da Guiné-Bissau.** Programa de Pós-Graduação em Ciências Marinhas Tropicais (Dissertação de Mestrado), Instituto de Ciências do Mar, Universidade Federal do Ceará, 2005, 75p.

TEMUDO, M.P. & Abrantes, M. **The Pen and the Plough: Balanta Young Men in Guinea-Bissau** 2015. Development and Change 46(3): 464–485. DOI: 10.1111/dech.12166.

UE/RGB **Acordo de parceria para a pesca sustentável, União Europeia e países terceiros, Relatório do Comité Científico Conjunto: 7ª Reunião do Comité Conjunto entre a República da Guiné-Bissau e a União Europeia,** 2017.

8. ANEXOS

8.1 Questionários

8.1.1. Guião da história e a pesca de Bagre com informantes-chave

1. Quando os pescadores começaram a pescar bagre para vender?
2. Quem teve a ideia / qual tabanca começou a pescar Bagre?
3. Desde quando os pescadores pescam bagre?
4. Qual etnia pescava bagre primeiro?
5. Quem ensinou os Balantas pescar? Em qual tempo?
6. Como os pescadores pescavam Bagre? Com rede/armadilha?
7. As mulheres ainda fumam Bagre?
8. Onde as mulheres fumam Bagre? Como?
9. Onde os pescadores pescam Bagre? Em qual parte do rio?
10. Em quais meses as mulheres fumam Bagre?
11. Onde as mulheres vendem Bagre?
12. Qual é o preço do Bagre fumado?
13. Há uma diferença de quantidade de Bagre agora?
14. Desde que começaram a pescar Bagre para vender, já começou a haver menos?
15. Se sim, agora tem de ir mais longe para ir pescar Bagre?
16. No tempo de colon, pescavam Bagre para vender?

Fonte: elaborado pelo orientador P.-J. Keleman e pela P.I. do projeto Malmon, Marina P. Temudo.

8.1.2. Questionário de meios de subsistência

Nome da aldeia:

Data: / / 2023

Nome chefe Fogão:

Idade ___ Escolaridade ___ Morança _____

Composição Agregado:

HGr ___ MGr ___ H ___ M ___ Rapaz ___ Bajuda ___ Crianças ___ velhos/deficientes/doentes ___

Casa e bens:

zincada ___ palha ___ cimentada ___ latrina ___ painel solar ___ rádio ___ móvel ___ bici ___ moto ___ Maq.

Desc ___ parabólica ___ TV ___ canoa ___ Rede ___

Outro trabalho do chefe para além de agricultura:

surni de farfari ___ surni de ourique ___ campanha caju ___ pisca ___ pedreiro ___ carpinteiro ___

Professor ___ comércio ___ Máquina de descasca ___ Outra atividade ___ -----

Sistema de produção:

Bolanha S__ arrozPP__ Mancarra__ Mandioca__ Batata__ Feijão__ Hortaliça__ Banana__
 Manga__ Laranja__ Limão__ Coco__ Cola__ Caju__ Chebén de granja__
 Outras_____

Tem horta caju? Sim na tabanca__ Sim longe__ Não tem horta__

Vacas__ Cabras__ Porcos__ carneiro__ Galinhas__ Galinhas M__ Patos__ Bagueiras__

Rendi**mentos do fogon:**

caju (sa)____ vinho caju__ vinho palma__ Mancarra__ Mandioca__ Batata__ Feijão__
 Banana__ Mango__ Laranja__ Limão__ Cola__ hortaliça__ Vacas__ Cabr__ Porcos__
 Carner__ Galinhas__ Gal M__ Patos__ Mel__ Ostras__ Lenha__ Carvão__ Sal__ Pesca de
 H__ Pesca de M__ Ostras__ Corta__ Cite__ Campanha caju para patrão__ Campanha de M
 ir colher caju__ Família manda \$__ Salário__ Surni__ boutique/mesa__ /__ Máquina
 descasca arroz__ outro rendimento_____

Fonte: elaborado pela P.I. do projeto Malmon, Marina P. Temudo.

8.1.3. Questionário de pesca das mulheres

Chefe di fogon:
Etnia:
Data:
Quem?
Onde?
Bolanha

Taraffe

Rio

Lagoa (água doce)
Quando?
Tempo seco (Novembro – Maio)

Tempo das chuvas (Junho – Outubro)

Destino? Para mafé <hr/> Para vender
Peixes? Bentaninhas <hr/> Selebisonh <hr/> Tainha <hr/> Pis sapato <hr/> Bagre <hr/> Esquilon <hr/> Djotto

1. No qual ano começou a pescar?
2. Quem ensina te pescar?
3. Quando pescam peixes para vender, deixam alguns para comer?
4. As mulheres fumam algum peixe? Isso é só para mafé ou vender?
5. Onde vendem os peixes?

Fonte: elaborado pelo orientador P.-J. Keleman

8.1.4. Questionário de pesca dos homens

Tabanca		Idade	
Fogão		Data	
Genero (M/F)		Educação	
Ethnia			

Qual tipo de material de pesca são propriedade do fogão?

Equipamento	Sim/Não? Quantos?	Malha (mm/dedos)	Tamanho (m)	Custo (CEFA)	Quem possui? (H/M)	Quem usa? (H/M)
Rede boianti						
Rede di fundo						
Rede de ferxta						
Rede redonda						

Tenda						
Talha rio Nylon						
Gamboa (Curundé)						
Anzol + linha						
Armadilha						

Qual foi a origem do seu capital para comprar o equipamento de pesca?

1. Projeto
2. Pesca
3. Labra
4. Remessas de parentes
5. Crédito/empréstimo
6. Emprego
7. Trabalho ocasional, por exemplo na pesca industrial ou campanha do caju
8. Outro: _____

Quando e onde foram compradas as redes e canoas?

Rede:

Canoa:

Qual é a quantidade ou o valor do pescado numa semana com bom/mal rendimento?

Quantidade de semana com bom rendimento (Kg/munto/CEFA)	Quantidade de semana com mal rendimento (Kg/munto/CEFA)

Quais são os espécies mais capturados?

1. Bentana;
2. Tainha;
3. Barbo;
4. Djotto;
5. Pis sapato;
6. Curbina;
7. Becuda;
8. Bagre;
9. Djafal;
10. Sardinha;
11. Pis raia;
12. Pis caudo;
13. Corcor;
14. Outros: _____

As capturas e composição de peixes mudaram nas últimas duas décadas (após 7 de junho)?

Se sim, quais são as razões? (pui X):

Números de Pescadores locais:

Intrusão Pescadores estrangeiros:

Mais canoas di motor:

Usa de equipamento de pesca mais avançado:

Pouco de chuva:

Outros:

Isso tem consequências para seus meios de subsistência (venda de peixe)?

Quantos dias na semana passada comeu peixe? Quais espécies?

Quais são as espécies de peixes predominantes (após 7 de junho)?

Fonte: elaborado pelo orientador P.-J. Keleman

8.2 Fotografias do trabalho no terreno

8.2.1. Malafo



Foto 1. Pescador com rede boiante



Foto 2. Pescadora Balanta com rede redonda



Foto 3. “Pis sapato” fumado



Foto 4. Pesca dos homens com canhacu em grupo

8.2.2. Jabada Porto



Foto 5. Bagre antes de fumar



Foto 6. Cordas de Bagre



Foto 7. Abudu na canoa com tubarões



Foto 8. Armadilha (técnica de pesca de bagre)



Foto 9. Porto de Rampa em Bissau. As canoas de motor de Jabada Porto chegaram.